



UNIFICADA

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE UNIFICADA DO ESTADO DE
SÃO PAULO

Semestral. Outubro, v.2 n.1 (2020)

ISSN 2675-1186



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

Janeiro-Fevereiro, v.2, n.1 (2020)

ISSN 2675-1186

DIREÇÃO

DIREÇÃO ACADÊMICA

Prof.^a MSc Claudineia Lopes

DIREÇÃO FINANCEIRA

Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

CONSELHO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

Prof.^a MSc Claudineia Lopes (FAUESP)
Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo (FAUESP)
Prof. Dr. Marcos Rogério Costa (FAUESP)
Prof. Dr. Gladson Cunha (Fabra/PUC-Rio)
Prof. MSc. José Ivanildo (FAUESP)
Prof. MSc. Marcos Roberto dos Santos (FAUESP)

UNIFICADA: Revista Multidisciplinar da FAUESP – v.2 n.1 (Janeiro-Fevereiro, 2020). Mauá: Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (FAUESP)
2019 -

Bimestral.
ISSN 2675-1186

Bibliotecário Responsável:

Emerson Gustavo Nifa
Registro: Sp-010281/O

SUMÁRIO

UM POUCO DA HISTÓRIA DO TEATRO	1
<i>Cindy Tomazelli da Cunha</i>	
O FAZER ARTÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	10
<i>Clécia Santos Souza Lima</i>	
A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MIDIÁTICOS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	30
<i>Valéria Lopes</i>	
O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL	39
<i>Rebeca Paz dos Santos</i>	
PROMOÇÃO DA PREVENÇÃO DA CÁRIE DENTÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	49
<i>Clóvis Dias dos Passos</i>	
A CONGADA DE POÇO FUNDO E SEU CONTEXTO	72
<i>Gabriel Henrique dos Santos Laudino</i>	
A INFLUÊNCIA DA AUTOESTIMA NA MINIMIZAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	82
<i>Ana Alice Nogueira do Nascimento</i>	



RESUMO

Neste trabalho seguem apresentados os resultados de uma pesquisa sobre a importância do teatro na educação infantil. Realizado a partir de pesquisa bibliográfica, primeiro buscou-se conhecer o próprio teatro, de forma histórica e conceitual. Em seguida, buscaram-se as relações possíveis entre o teatro e a educação, e por fim, os tipos de teatros que podem ser utilizados na educação infantil. Os resultados mostram uma estreita relação entre o ser humano e o teatro, utilizado inicialmente como forma de manifestação diante das divindades e dos heróis de cada povo e, em momentos posteriores, como forma de expressão social, sendo inclusive proibido aos cristãos durante longo tempo na Idade Média, o que indica o grande poder da linguagem teatral. Em relação à sua utilização na educação infantil, o teatro se mostra bastante promissor, desde que utilizado de forma a permitir que as próprias crianças o produzam com a supervisão do professor. Assim feito, o teatro na educação infantil amplia os limites e as possibilidades do desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança, enriquecendo inclusive o trabalho do próprio professor.

Palavras-chave: Teatro, Educação Infantil, Desenvolvimento, Criatividade.

Introdução

Conhecer, ainda que de forma rápida, as origens e os principais aspectos históricos do teatro é importante para se ter uma ideia da sua importância e também possibilidades na educação infantil. Sendo assim, este artigo se dedicará a um pequeno aprofundamento na arte do teatro, que existe desde as primeiras civilizações e que passou por transformações ao longo da história da humanidade.

1. AS ORIGENS DO TEATRO

Conforme Sérgio (2012) nas primeiras civilizações o teatro podia ser visto nas manifestações primitivas ligadas a credices diversas, inclusive que as danças e encenações favoreciam a aquisição ou o fortalecimento de poderes sobrenaturais.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP). Especialista em Educação Inclusiva Faculdade Método de São Paulo (FAMESP). Professora da rede municipal da cidade de São Paulo/SP. E-mail: cindymazelli@gmail.com

Considerando que o homem primitivo vivia à mercê da natureza, temendo-a, antes de tudo, adquirir poderes que permitissem exercer algum controle sobre os acontecimentos do dia-a-dia se tornava essencial e almejado por todos, muito embora apenas os iniciados chegassem a essa conquista.

Assim, conforme o autor, eram realizados rituais de diversos tipos com o intuito de homenagear as entidades divinas ou então os humanos que se destacavam como heróis. Na verdade, conforme o autor, as homenagens eram muito mais uma forma de buscar se aproximar das entidades e dos heróis, seja para ganhar deles parte da força que possuíam, seja ao menos para ganhar sua graça e proteção.

Sérgio (2012) e Brandão (1992) citam Dionísio, o deus do vinho e da alegria na Grécia Antiga, por volta do século IV a. C. a quem eram dedicadas cerimônias com muita dança e festividade, o que pode ser visto como os pressupostos das primeiras atividades de teatro, visto que a dança é também uma forma de arte relacionada à representação de papéis.

Segundo os mesmos autores, o termo teatro surgiu na Grécia Antiga, sob a forma de *Théatron*, passando depois para o latim *theatrum*, e chegando à língua portuguesa como teatro. *Théatron* é derivado do verbo ver *theomai*, ou seja, *théa*, que significa vista ou visão panorâmica, sendo acrescido o sufixo *tron*, que significa instrumento ou lugar de lugar onde se vê. Assim, o vocábulo teatro assumiu significados como: local onde se realizam os espetáculos, os próprios espetáculos, e o conjunto de textos, produzidos por um autor e a interpretação.

Conforme Sérgio (2012), considerando as manifestações primitivas relacionadas à busca de aproximação com divindades e heróis, dentre elas os primórdios do teatro, tem-se que tanto a origem quanto a evolução do teatro estão intimamente ligados à história da religião.

A verdade, segundo o autor, é que os registros mais antigos de encenações teatrais estão sempre vinculados aos cultos religiosos, onde os adoradores dos deuses faziam rituais com danças e encenações. Inclusive o uso de máscaras com figuras das divindades era comum e usadas em cerimoniais geralmente celebradas anualmente onde se contava a história da divindade adorada.

Conforme Brandão (1992) desde cedo à humanidade aprendeu a fazer uso de várias artes como a pintura, a música e o teatro, como já mostrado. No início os homens usaram

a representação para fazer imagens das suas divindades, por meio de bonecos de barro para diversão teatral, inicialmente rígidos, e que depois ganharam mobilidade, por conta da evolução das técnicas artesanais, passando a articular os membros, dando origem ao que hoje se conhece como teatro de fantoches.

Da mesma forma, conforme Brandão (1992), as máscaras utilizadas em rituais religiosos deram origem ao teatro de máscaras. As máscaras, por sinal, são elementos presentes em praticamente todas as civilizações conhecidas. Os africanos costumam usar máscaras de madeiras e pintadas, os nativos da Oceania costumam fazer máscaras de conchas e os ameríndios a fazem de couro. Segundo o autor deve-se considerar também a própria pintura corporal como uma espécie de máscara bastante usual.

Apesar do grande crédito usualmente dado aos gregos em relação ao surgimento e desenvolvimento do teatro, tanto Brandão (1992) quanto Sérgio (2012) dão conta que as verdadeiras origens do teatro pertencem a povos mais antigos, como os egípcios, por exemplo, sendo que descobertas arqueológicas encontraram registros de um drama mitológico do deus Osíris datado de 3200 a. C., o que o torna o documento teatral mais antigo do mundo. A peça encontrada contém as ilustrações das cenas, as palavras ditas pelos atores que representam a história e comentários explicativos.

Mas da China também veem registros de teatro, conforme mostra Brandão (1992), pois os chineses, durante a dinastia Hsia, por volta de 2205 a. C. desenvolveram espetáculos teatrais com música, acrobacias e palhaços. Cronologicamente, portanto, os chineses surgem em segundo lugar na hierarquia teatral pelo critério de antiguidade.

E nessa cronologia a Índia surge em terceiro lugar, com os registros indianos em que estão os poemas Ramayana e Mahabharata, que podem ser considerados as primeiras peças originadas na Índia que estão datadas por volta do século V a. C.

Do Japão, no entanto, conforme Brandão (1992), apesar de suas origens tão antigas quanto as da China e da Índia, só são encontrados os registros em que aparece o Kwanamy Kiyotsugu, que viveu entre os anos de 1333 e 1384 da era cristã (Idade Média), considerado o primeiro dramaturgo japonês e que desenvolveu um teatro de técnica perfeitas, tendo em suas principais manifestações, a dramaturgia Nô, baseada nos ensinamentos do budismo Zen e dotada de grande complexidade psicológica e simbólica, e o Kabuki, mais popular, embora igualmente importante.

Quanto aos gregos, cabe a eles o papel de desenvolver o teatro e torná-lo popular. Foi na Grécia antiga, segundo Brandão (1992), que o ator passa a existir juntamente com o teatro, a viver com o teatro e para o teatro. O primeiro ator da história do teatro no ocidente é do poeta trágico Téspis, que representava simultaneamente vários papéis em suas peças. Só os homens participavam e eram irreconhecíveis no palco por utilizarem grandes máscaras, figurinos alongados e tamancos altos de madeira.

Depois dos gregos coube aos romanos dar certa descontinuidade à evolução do teatro no Ocidente, conforme coloca Brandão (1992), visto que no Império Romano o teatro caiu em decadência pelo fato de que os romanos preferiam os espetáculos violentos e esportivos, como os combates em arenas, e as corridas.

Em contrapartida, os atores passaram a se dedicar ao espetáculo de mímica, deixando as cidades e caindo no gosto popular nas áreas rurais, se apresentando nas feiras. Conforme o autor, ainda no Império Romano, durante o florescimento do cristianismo, os espetáculos de teatro foram proibidos aos cristãos, que só podiam assistir teatro de cunho religioso.

Lembrando que durante toda a Idade Média, até época do Humanismo, do Renascimento e do advento da Modernidade, a Igreja católica foi dominante em relação às normas de comportamento social, tanto Sérgio (2012) quanto Brandão (1992), fazendo prevalecer os princípios religiosos, o teatro, assim como toda forma de arte só era admitido quando eivado de motivos religiosos.

Ainda assim, segundo os autores, o Ocidente viu florescer a arte teatral, assumindo aos poucos suas formas atuais. O século XX, por sua vez, assistiu grandes transformações na arte do teatro, que assumiu formas diferentes, acompanhando a evolução das artes e do comportamento social em geral.

1.2 Alguns conceitos sobre o teatro

O teatro é uma das formas de arte mais rica em termos de linguagem simbólica, conforme ressaltam Courtney (2001) e Cabral (2012), visto que permite a expressão do corpo e do pensamento com mensagens e conteúdo expressos de forma explícita ou implícita. Ou seja, o teatro permite tanto expressões denotativas, quanto de forma

subliminar, sendo a mímica um exemplo clássico das suas possibilidades de expressão. Desse modo, a linguagem do teatro convida ao uso da imaginação.

Considerando o poder de imaginação da criança, Mantovani (2012) avalia a importância de se usar o teatro na educação infantil, partindo da expressividade própria da criança. A autora considera, no entanto, é que necessário uma preocupação no sentido de não se pretender levar à criança o teatro adulto, isto é, as concepções que o adulto tem do teatro. Há a necessidade de orientações didáticas específicas, que não podem ser tomadas de forma superficial, visto que está em jogo a formação da criança.

Nesse sentido, conforme a autora, é mais importante deixar que a criança faça teatro, do que fazer teatro para ela. Em outras palavras, a orientação pedagógica deve ser no sentido de fazer aflorar o potencial da criança e não no de direcionar esse potencial por meio de metodologias próprias do mundo adulto.

Conforme Koudela (1992) o teatro tem uma forte ligação com a emoção, tendo, portanto, grande importância como um tratamento emocional para os alunos, contribuindo para o trabalho de socialização ou mesmo para influenciar o restabelecimento da saúde mental e física. O teatro permite, portanto, tratar de questões emocionais e comportamentais de forma natural e espontânea.

Como mostrado por Brandão (1992), Sérgio (2012) e reforçado por Cabral (2012), o teatro surgiu no berço da humanidade através de rituais que mais tarde se transformariam em religiões diversas, o que indica a forte ligação dessa forma de arte com os motivos religiosos, haja visto que grandes temas da religião costumam ser hoje representados de forma cênica, ou seja, pelo teatro.

Em relação à religião cristã, que na Idade Média mantinha forte controle sobre as artes em geral e dentro delas o teatro, aos poucos foi aderindo às representações teatrais, das quais existem muitos exemplos em nosso país, como aquelas que retratam a crucificação de Cristo, entre outras.

Spolin (1992) destaca a importância do teatro em relação à sensibilidade, ou seja, ao recurso do teatro como forma de educar auxiliando no desenvolvimento da sensibilidade, percepção e conhecimento das especificidades cognitivas ligadas à prática da improvisação. Conforme o autor, quando está representando certa personagem, o ator capta a personalidade da figura representada, o que o auxilia a aperfeiçoar os seus sentidos cognitivos como a sensibilidade.

Considerando que a educação não se resume somente em transmitir conhecimento, mas, principalmente, a desenvolver todas as áreas do conhecimento humano, o teatro pode ajudar a educação infantil a desenvolver e ensinar as crianças em campos mais profundos da mente humana como a sensibilidade.

Juntamente com Spolin (1992), Japiassu (1996) destaca o lado divertido do teatro, ressaltando, no entanto, que a diversão para as crianças possui um significado muito mais abrangente do que em relação ao adulto. A diversão para a criança é desenvolvimento, visto que ela se desenvolve através do lúdico.

Japiassu (1996) revela que desde o começo o teatro foi um recurso usado para proporcionar diversão aos reis, aos aristocratas e também ao público em geral, havendo inclusive a modalidade comédia, que apresenta conteúdo engraçado com o intuito de fazer rir

Reverbel (1989) acrescenta que as comédias podem, ao mesmo tempo, fazer rir e passar mensagens éticas, morais, políticas, religiosa, entre outras, lembrando que um gênero cômico do teatro muito popular é aquele em que se faz críticas aos costumes e ao comportamento social. Assim, percebe-se a importância da diversão no teatro, pois ao imitar a realidade brincando esta forma de arte, pode trazer à discussão os mais diversos temas.

Brasil (2001a) e Brasil (2001b) recomendam o teatro na educação, ressaltando suas mais diversas possibilidades e sua grande importância na formação da criança. Assim como os autores até aqui tomados como referência, esses dois documentos oficiais da educação no Brasil ressaltam a importância do lúdico como instrumento pedagógico, avaliando que o teatro é uma forma lúdica de se trabalhar a pedagogia.

No entanto, uma análise mais cuidadosa dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) mostra que é preciso um trabalho mais cuidadoso por parte do professor de educação infantil no sentido de tomar esses documentos tal como eles são, isto é, como “parâmetros” e como “referenciais”, dada a abordagem bastante adulta ou técnica com que tratam a arte do teatro na educação.

Em outras palavras, ao professor de educação infantil cabe buscar um aprofundamento maior dos seus conhecimentos sobre o teatro, considerando, sobretudo, esse conhecimento relacionado à pedagogia e não ao teatro unicamente. Ou seja, o teatro

na educação infantil deve antes servir como um meio e não como uma finalidade. O importante não é o teatro que se faz, mas, sim a forma como a criança vai fazer teatro.

Considerações Finais

Referências Bibliográficas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de qualquer tipo de arte na educação é sempre uma possibilidade enriquecedora, quando feito na forma adequada. Assim, uso do teatro na educação infantil tem relações com diversos elementos cognitivos benéficos, tais como: memorização, criatividade, estímulo emocional, além de aspectos relacionados à socialização, entre diversos outros, que servem para enriquecer o desenvolvimento e o aprendizado da criança.

A leitura, um dos aspectos da educação, é muito importante como ferramenta de auxílio na tarefa de transmitir educação às crianças. Mas a leitura faz uso apenas do sentido da visão, enquanto que outras artes, como a música, a dança, o desenho, e o teatro, estimulam todos os órgãos dos sentidos e também a cognição, sendo, portanto, vantajoso, ainda mais quando se considera que a leitura é também parte dessas diversas formas de arte.

O teatro é coletivo por natureza, pois mesmo no teatro adulto, quando se pensa num monólogo, sempre há, além do ator, toda uma equipe de sustentação, a começar pelo autor do texto. Não se pode, no entanto, dizer que o teatro dispensa a utilização de outras formas de arte na educação, mesmo porque ele se complementa e serve de complemento para as demais formas. Mas pode-se considerar a importância do teatro quando visto como um elemento que se apropria da própria espontaneidade da criança. A criança gosta de brincar, de ouvir e contar histórias, de interpretar, dançar e tudo o mais; e tudo isso pode estar presente mesmo nas mais simples produções de teatro.

Nesse sentido, considera-se que o professor pode se valer do teatro como uma ferramenta de grande auxílio no seu trabalho junto à educação infantil, desde que se livre dos pressupostos metodológicos e curriculares e pense no teatro como algo voltado para a criança e não para o mundo adulto.

As crianças, ao contrário, têm um mundo a descobrir, fazer de tudo para descobrir, e suas descobertas serão muito mais significativas quando não houver um adulto dizendo exatamente o que elas têm de saber.

O professor deve ser um palhaço, um artista de teatro, sempre pronto a mexer com a sua plateia, sempre pronto a improvisar, sempre acreditando que pode fazer diferente na próxima vez. Assim, diante de todo o exposto, conclui-se que a utilização do teatro na educação infantil é muito relevante, auxiliando desde o desenvolvimento motor até o desenvolvimento cognitivo. E como se trata de uma prática que envolve ações e interações entre os participantes, é um excelente meio para auxiliar na socialização da criança, afetando todo o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Franciele; MEN, Liliana. **Teatro e educação: uma relação a ser redesenhada.** Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2778_1313.pdf. Acesso em: 21 ago. 2016.

BRANDÃO, Junito de S. **Teatro grego origem e evolução.** São Paulo: Arte Poética, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, 2001a.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil.** Brasília, 2001b.

CABRAL, Beatriz. **O teatro na educação infantil.** Disponível em: <<http://pedablogao.blogspot.com/2010/02/o-teatro-na-educacao-infantil.html>> Acesso em: 21 ago. 2016

COURTNEY, R. **Jogo, teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

JAPIASSU, Ricardo O. V. **Repensando o ensino de arte na educação escolar básica: projeto oficinas de criação.** Revista de Educação do Ceap, Ano 4, n.12. 1996. p.42-8.

KOUDELA, Ingrid D. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

MONTOVANI, Rosana. **O teatro na escola.** Disponível em: <http://www.paulofreire.blogspot.com.br/2009/10/teatro-na-escola.html> . Acesso em: 21 ago. 2016.

PEREGRINO, Y. ; SANTANA, P. **Ensinando teatro:** uma análise crítica das propostas dos PCNs. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/pesquisarte/livro/5.html>.> Acesso em: 21 ago. 2016.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola.** São Paulo: Scipione, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **A resistência ativa contra a nova lei de diretrizes e bases da educação.** Princípios: revista teórica, política e de informação, São Paulo, n.4, p.66-72, dez./97-jan./98, 1998.

SERGIO, Ricardo, **A origem do teatro.** Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/194383>. Acesso em 21 ago. 2016.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil.** São Paulo: Summus, 1998.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1992.



O FAZER ARTÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Clécia Santos Souza Lima¹

RESUMO

O ato de desenhar e deixar registrado sua história sempre fez parte da humanidade, pois desde os tempos primitivos o homem vem demonstrando essa necessidade. Este presente trabalho visa mostrar a importância do desenho produzido pela criança na Educação Infantil, assim como as fases de evolução que ela apresenta ao realizar suas produções artísticas. Também consta um estudo sobre o importante papel da escola e da família trabalharem em parceria, nesse processo tão significativo para a criança e seu desenvolvimento.

Palavras chave: Criança, desenho, desenvolvimento.

ABSTRACT

The act of drawing and recording one's history has always been a trait of mankind and it has been demonstrated as an inner need since primitive times. This paper aims to demonstrate the importance of drawings produced by children during their early childhood education, and also aim to indicate which phase of evolution children are at based on their art work. A study has been included in this paper. It explains the importance of families and schools partnering to assist with childhood development through the significant process of drawing.

Keywords: Child, drawing, development.

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professora da Rede Pública Municipal de São Paulo (SP). E-mail: cleciasantossouza@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao observar as crianças realizando suas atividades de arte, surgiu o desejo de estudar e conhecer um pouco mais essa linguagem, para possibilitar as mesmas, experiências ricas e significativas durante esse processo de criação, uma vez que toda criança desenha, deixando seu traço e expressando ao mesmo tempo seu conhecimento de mundo. Inicialmente ela desenha só pelo prazer do movimento, depois vai adquirindo maturidade física e psicológica e assim começa a evoluir progressivamente no desenho. Outro motivo para realização desse estudo foi a curiosidade para saber o que essas crianças querem dizer através desses desenhos? O que estes representam para elas? E como professores e pais podem utilizar o ato de desenhar para compreender nossas crianças e auxiliá-las ainda mais no seu desenvolvimento.

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância da valorização do desenho infantil em suas diferentes fases de desenvolvimento, ressaltando o papel do adulto na família e na escola, quanto ao respeito, incentivo e apoio a criança em relação as suas produções artísticas.

Assim como existe as fases da escrita ao desenho as crianças também passam por fases. Esta pesquisa será dividida em quatro capítulos: No primeiro capítulo farei um breve relato sobre a necessidade humana de desenhar desde os tempos primitivos; No segundo capítulo abordarei acerca das garatujas e fases do desenho de acordo com os especialistas em educação, sendo que, a tendência das garatujas segue uma ordem bastante previsível, começam com traços desordenados no papel, e, gradualmente, evoluem para desenhos que têm um conteúdo reconhecível pelos adultos. Ao realizar o estudo percebi que são poucas as pesquisas realizadas comparativamente, sobre essas primeiras tentativas de desenhar, mas de modo geral, as garatujas classificam-se em três categorias principais: as garatujas desordenadas, as garatujas controladas e as garatujas com atribuição de nomes, que serão citadas nessa pesquisa.

A NECESSIDADE HUMANA DE DESENHAR DESDE OS TEMPOS PRIMITIVOS

Desde o surgimento do homem na terra, os estudos apontam que ele sempre deixou claro a necessidade de desenhar e registrar sua história através das pinturas rupestres. Ao refletirmos sobre a importância do desenho infantil, devemos antes de tudo analisarmos

brevemente a linha do tempo, desde o período pré-histórico até os dias de hoje, com o objetivo de entendermos como se deu a relação do Homem com o Desenho.

Os primeiros registros que temos sobre a humanidade são os desenhos gravados nas cavernas por homens no período paleolítico. O Homem pré-histórico utilizava pedras, ossos e cerâmicas como pincéis, a tinta era feita de sangue de animais, excrementos humanos e folhas de árvores. Eles desenhavam cenas com pessoas e animais no seu cotidiano. Esta forma de comunicação entre os homens é conhecida como pinturas rupestres (Arte Rupestre). Facilitando o desenvolvimento de uma linguagem falada e escrita. Não que o homem tenha aprendido a desenhar antes de falar, porque isso é praticamente impossível de determinar uma vez que a linguagem falada não deixa marcas em paredes como as pinturas rupestres. Mas é inegável que a expressão por meio de pinturas facilitou a comunicação para aqueles povos.

Figura 1 – Arte Rupestre Brasileira



Fonte: <http://www.infoescola.com/artes/historia-do-desenho/>

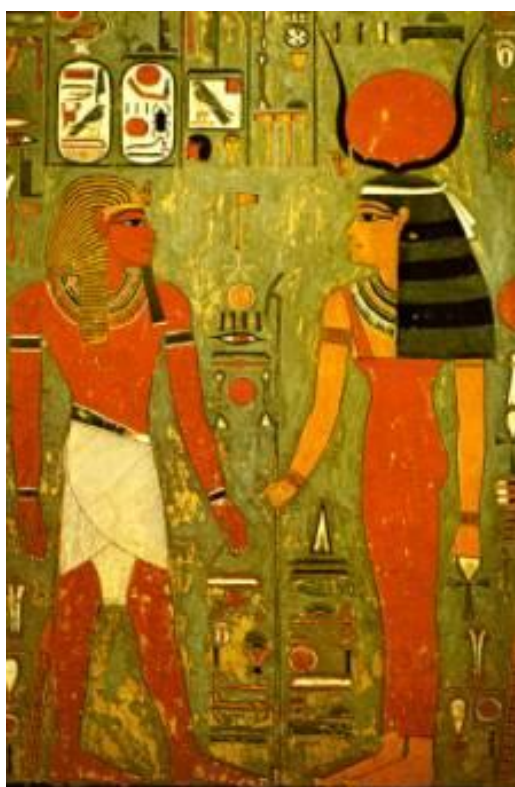
Esses registros são encontrados em várias partes do Mundo, inclusive aqui no Brasil. O homem primitivo produzia imagens como algo poderoso para ser usado e não como algo bonito para contemplar, conceito que precisa ser resgatado na atualidade.

Ao longo dos séculos o desenho passou a ser utilizado cada vez de formas mais diferentes. Sendo até mesmo, um precursor da linguagem escrita, da fotografia e assim, do

cinema, e até mesmo das representações cartográficas. Sendo importante a valorização e reconhecimento da produção artística desde a infância.

A arte dos egípcios, tida como arte para a eternidade uma vez que influenciou todos os povos é de fundamental importância para nós. Os egípcios produziam belas pirâmides e desenhavam o seu cotidiano nas paredes, só que no caso deles, os desenhos eram encontrados dentro das tumbas e registravam os afazeres dos faraós falecidos. O tamanho da figura humana era diferenciado entre servos e faraós, os servos são pequenos e os faraós gigantes. O homem era sempre representado pela cor vermelha e a mulher pela cor ocre. Ao analisarmos as pinturas egípcias percebemos o quanto eles davam importância às cores, o tamanho da figura destacava o status da pessoa, os faraós eram grandes, enquanto os servos eram pequenos. Outro destaque importante nos desenhos eram que estes seguiam a lei do frontalidade, ou seja, com restrição de ângulo, os desenhos eram sempre feitos de perfil.

Figura 2- Arte Egípcia

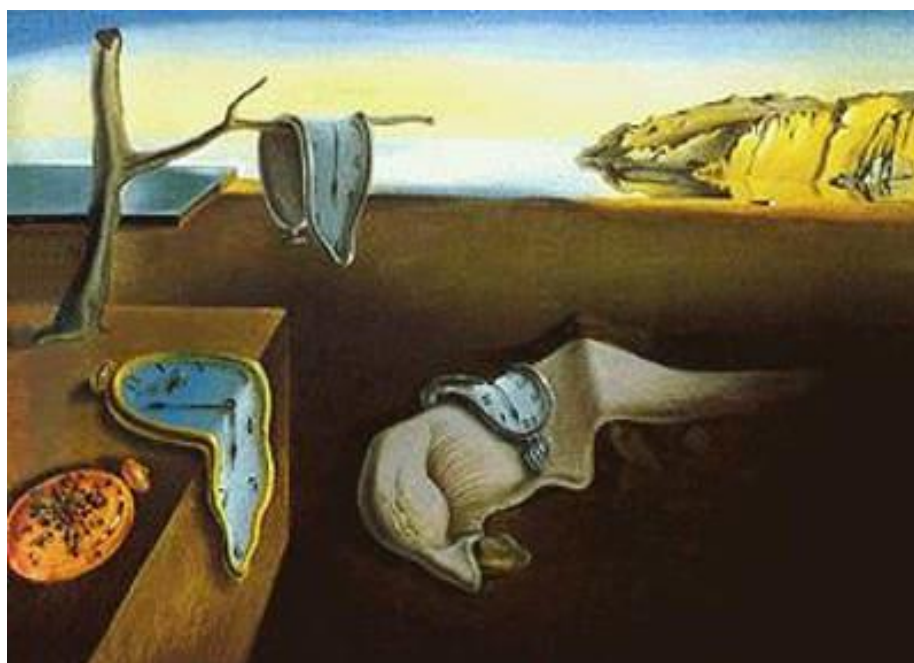


Fonte: <http://julirossi.blogspot.com.br/2008/01/blog-post.html>

A Idade Média é marcada por preceitos religiosos, dessa forma os desenhos apresentados possuem características com fundamentos religiosos. Eram desenhados santos e seres sagrados.

Para finalizar esse breve histórico chegamos a Idade Contemporânea, na qual a Arte em sua forma geral ganhou modificações significantes, o desenho por sua vez passa a ter mais independência podendo ser visto permeando diversos conceitos e diferentes formas de acordo com a personalidade do seu criador.

Figura 3- Arte Contemporânea



Fonte: <http://julirossi.blogspot.com.br/2008/01/blog-post.html>

É possível identificar que em cada época o estilo do desenho é definido pelo contexto social, pois geralmente o desenho é fruto da observação da realidade.

O desenho infantil contém uma representação simbólica muito forte daquilo que a criança vê do mundo, enquanto ser social e cultural, inserida num contexto e num determinado nível de desenvolvimento, por norma de acordo com a faixa etária em que se situa.

Henry Luquet um filósofo francês (1876-1965), foi um dos primeiros estudiosos do ponto de vista da evolução cognitiva da criança através do desenho. Ele procurou

compreender como é que a criança desenhava, e quais as intenções e interpretações que a criança deva às suas produções. Piaget um epistemólogo suíço (1896-1980) quando começa a interpretar o desenvolvimento do desenho livre/espontâneo da criança, segue as pisadas de Luquet, aliás, adota os estádios propostos por este, e estuda os desenhos da criança do ponto de vista da representação do espaço.

É com base nestes dois estudiosos, que deixarei aqui os diferentes estádios (fases) de desenvolvimento da criança através do desenho, sem deixar de reforçar que as diferenças individuais, de temperamento e sensibilidade de cada criança como ser único.

No próximo capítulo estudaremos as fases do desenho da criança na educação infantil e suas atribuições, compreendendo assim a importância dos primeiros traços e rabiscos produzidos por elas.

EVOLUÇÃO DO DESENHO INFANTIL: DESENVOLVIMENTO DAS GARATUJAS

Segundo os autores, os primeiros anos de vida de uma criança, são os mais decisivos para seu desenvolvimento, pois ela começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e um sentido de si mesma como um ser, que irá refletir em sua vida inteira. A arte pode contribuir para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem. Embora pensassem que a arte começa com o primeiro rabisco que a criança faz, na realidade inicia mais cedo, quando os sentidos estabelecem o primeiro contato com o ambiente e a criança reage a essas experiências sensoriais: tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar. Qualquer método de perceber o meio e reagir contra ele é a base para produção de formas artísticas, tanto de crianças quanto de um artista profissional. Ao final do primeiro ano de vida, a criança já é capaz de produzir seus primeiros traços gráficos. É a conhecida fase dos rabiscos, das garatujas. Esse movimento amplia o conhecimento si próprio, do mundo e das ações gráficas, além de ser o início da expressão que a conduzirá não só ao desenho e à pintura, mas também à palavra escrita.

De acordo com O Referencial Curricular de Educação Infantil- volume 03- 1998, a criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca. É um jogo de exercício que a criança repete varias vezes para certificar-se do seu domínio sobre aquele

movimento. O registro deste movimento é um rabisco incompreensível para o adulto: é a garatuja que se inicia longitudinal e desordenada até adquirir certo ritmo. Desta forma é de fundamental importância proporcionar momentos em que a criança possa criar suas produções artísticas.

O desenvolvimento das garatuja começa com rabiscos desordenados e sem atribuição de significados e de forma gradativa vai evoluindo para desenhos repletos de significados para a criança e reconhecível pelo adulto. As garatuja são classificadas em três categorias. Com muita sutileza, portanto, as garatuja revelam o olhar da criança. Observadores, os pequenos experimentam enquanto desenhavam e acabam estabelecendo relações que ficam na memória. Descobrem os resultados dos movimentos que fazem com o braço, buscam as possibilidades das formas - para depois dominá-las - e encontram os limites do papel. Assim, criam de forma autônoma.

A intenção desse estudo é compreender a importância do desenho no desenvolvimento das crianças, os desenhos podem expressar emoções e concepções de vida, sendo assim vamos agora entender um pouco sobre o processo de construção do desenho pela criança.

A criança no seu primeiro ano de vida pega lápis e papel e começa a rabiscar uma folha, esse ato ainda sem coordenação pode ter a intenção de desenhar algo ou simplesmente observar o efeito do lápis no papel, esta fase também conhecida como garatuja se apresenta como parte inicial do processo.

Sobre este assunto Cox em seu livro *Desenho da criança* faz a seguinte observação:

Claro que, na primeira vez que dei a ela um lápis cera e um pedaço de papel, ela tinha apenas uma vaga idéia do que fazer. Ela pôs o lápis em contato com o papel e fez, quase que acidentalmente, alguns traços experimentais. Não demorou muito, porém, para que já estivesse segurando o lápis cera de um modo mais confiante e fosse capaz de enfrentar o papel como quem quisesse levar a coisa a sério. (DESENHO DA CRIANÇA, 2010, p 25).

Ao praticar o ato motor de desenhar a criança marca rabiscos mais elaborados e passa a ter traços mais definidos.

O braço da criança, ao mover-se para frente para trás faz com que ela geralmente produza rabiscos ondulados. Ela se mostra meio surpresa com esses traços, o que faz crer que sua forma não foi intencional, mas com a prática ela desenvolve o controle necessário para produzir esse efeito deliberadamente e se torna capaz de manter seus rabiscos dentro dos limites do papel. (DESENHO DA CRIANÇA, 2010, P 16)

O rabisco é o precedente das representações figurativas, a criança com o tempo e prática passa a ter mais autonomia do seu desenho, e cada vez mais deseja que ele se assemelhe com

a realidade. Na reportagem O desenho e o desenvolvimento das crianças da Revista Nova Escola complementam essa fala quando salienta que:

No início, o que se vê é um emaranhado de linhas, traços leves, pontos e círculos, que, muitas vezes, se sobrepõem em várias demãos. Poucos anos depois, já se verifica uma cena complexa, com edifícios e figuras humanas detalhados. O desenho acompanha o desenvolvimento dos pequenos como uma espécie de radiografia. Nele, vê-se como se relacionam com a realidade e com os elementos de sua cultura e como traduzem essa percepção graficamente. (REVISTA NOVA ESCOLA. Edição 228. DEZEMBRO 2009).

Outro passo muito importante no processo de desenvolvimento do desenho pela criança é a chegada à figura humana. Até chegar a figura humana de forma definida, a criança produz diversos tipos de corpos. Por volta de 3 ou 4 anos de idade, o corpo humano trata-se apenas da cabeça, logo vem os braços e pernas grudados na própria cabeça, apesar de serem muitas vezes engraçado, nesse momento a criança encontra-se em pleno desenvolvimento e suas observações fazem com que ela a cada dia represente melhor a figura humana. Os detalhes como olhos, pés, mãos e cabelos começam a aparecer e seu desenho se torna mais próximo do real. Cox através da sua opinião afirma que:

Uma das primeiras formas reconhecíveis que as crianças desenham é a figura humana e esta permanece como um dos temas mais escolhidos por elas até pelo menos os dez anos de idade. (DESENHO DA CRIANÇA, 2010, p 25).

Enfim, aprendida à figura humana a criança manifesta em seu desenho posterior uma melhor noção de mundo, além de desenhar pessoas, esta passa a representar situações do seu cotidiano, como por exemplo, desenhar sua mãe cozinhando ou limpando a casa, dessa forma seu desenho abrange melhor o seu conhecimento de mundo.

Ainda sobre a construção do desenho a Revista Nova Escola ressaltando que:

Uma das principais funções do desenho no desenvolvimento infantil é a possibilidade que oferece de representação da realidade. Trazer os objetos vistos no mundo para o papel é uma forma de lidar com os elementos do dia a dia. "Quando a criança veste uma roupa da mãe, admite-se que ela esteja procurando entender o papel da mulher", explica Maria Lúcia Batezat, especialista em Artes Visuais da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc). "No desenho, ocorre a mesma coisa. A diferença é que ela não usa o corpo, mas a visualidade e a motricidade." Esse processo caracteriza o desenhar como um jogo simbólico. (REVISTA NOVA ESCOLA. Edição 228. DEZEMBRO 2009).

É comum ver as crianças imitarem os adultos em diversas situações, no caso do desenho a criança inicialmente reproduz o que vê o adulto fazer com lápis e folha, quando percebe que suas linhas numa folha podem expressar o que quiseram, passam a ver o desenho como forma de expressar seu pensamento.

Não desconsidero o fato de o desenho expressar a vontade da criança, porém acredito que este seja reprodução de sua visão de Mundo. Para justificar este comentário ressalto o compromisso Referência Nacional para Educação Infantil quando diz que:

A arte da criança, desde cedo, sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc.

Embora seja possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças, seus trabalhos revelam: o local e a época histórica em que vivem; suas oportunidades de aprendizagem; suas idéias ou representações sobre o trabalho artístico que realiza e sobre a produção de arte à qual têm acesso, assim como seu potencial para refletir sobre ela. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, Volume 3, 1998 p. 88).

O desenho da criança possui um significado específico, ao qual ela direciona bastante importância, ela faz o tempo todo tentativas para que este seja o mais parecido possível com a realidade, essa atenção aumenta de acordo com a idade.

É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. A imitação, largamente utilizada no desenho pelas crianças e por muitos combatida, desenvolve uma função importante no processo de aprendizagem. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, VOLUME 3 1998 p. 93).

Não podemos esquecer que é através do desenho que muitas crianças se comunicam com o mundo, pois têm crianças que ainda não falam, porém traduzem por meio do desenho o que estão pensando ou sentindo.

Ao final do seu primeiro ano de vida, a criança já é capaz de, ocasionalmente, manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços gráficos, considerados muito mais como movimentos do que como representações. É a conhecida fase dos rabiscos, das garatujas. A repetida exploração e experimentação do movimento amplia o conhecimento de si próprio, do mundo e das ações gráficas. Muito antes de saber representar graficamente o mundo visual, a criança já o reconhece e identifica nele qualidades e funções. Mais tarde, quando controla o gesto e passa a coordená-lo com o olhar, começa a registrar formas gráficas e plásticas mais elaboradas. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, Volume 3, 1998 p. 91).

Não estou aqui somente para defender a ideia de que a criança expressa seu Mundo através do desenho, mas sim entender o papel desse poderoso meio de comunicação e sua influência na formação do indivíduo. E, desse modo, tentar contribuir com estratégias de intervenção para que os pais e a sociedade de forma geral possam desempenhar durante esse processo. Para isso, é necessário dar oportunidades para que essa criança desenhe e atenção sobre o que esta sendo desenhado, pois a partir desta observação o adulto consciente e crítico

poderá determinar, acompanhar e intervir nas aprendizagens contribuindo assim para o desenvolvimento pleno da criança. Os desenhos das crianças são como fontes, ao qual produzem material para organizar e interpretar suas experiências vividas. É aí que devemos entrar como professores e pais responsáveis.

Muitas vezes, os pais utilizam o ato de desenhar como uma forma de escape. Seria como se os pais quisessem se ausentar do cuidado e da educação de seus filhos. Se a criança fica com papel e lápis distraem-se, logo os pais não terão a preocupação do filho estar na rua onde transita carros, violência, entre outras coisas consideradas como prejudiciais. Essa opção dos pais, muitas vezes, não é uma escolha, mas sim uma condição diante da sua rotina de vida.

Sob o ponto de vista social é muito importante apontar que, não trato a criança como um indivíduo inerte, a entendo como ser crítico e pensante com capacidade de selecionar as informações de acordo com seu crivo ainda em formação.

Apesar de identificar a criança com essa competência de criticar as questões sociais e humanas, esta ainda está em formação, momento de adquirir valores, crenças, conceitos e atitudes desejáveis ou indesejáveis. É nesse aspecto que os pais entram em cena para conduzir seus filhos de acordo com sua ideologia de educação e criação.

2.1 Fases da garatuja

As garatujas de modo geral começam com traços desordenados, no papel, e, gradualmente, evoluem para desenhos que têm um conteúdo reconhecível pelos adultos. Classificam-se em três categorias principais: as garatujas desordenadas, as garatujas controladas e as garatujas com atribuição de nomes.

2.2 Garatujas desordenadas

Figura 4- Guilherme Riquito 1 ano



Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>

A criança está no período sensório motor, reproduz o movimento, conquista o controle da mão (modo de segurar o lápis e o giz de cera). Os rabiscos baseiam-se no seu desenvolvimento físico e psicológico, não em alguma tentativa de representação. As linhas são distribuídas de modo acidental e não há interesse pela cor, ela aparece por acaso e não por necessidade. Seu desenho, nesta fase, não tem compromisso com representação de qualquer espécie. A criança poderá até nomear seu desenho se o adulto insistir em saber o que é, contudo para ela é apenas movimento, é o prazer do gesto deixado pela marca.

Os primeiros traços são fortuitos, e a criança ainda não entende que poderia fazer deles o que quisesse. Repete-se algumas vezes, à medida que a criança movimentava o braço para trás e para frente. Além disso, a criança não possui olhar focado enquanto faz esses traços, e continua ainda garatujuando.

É preciso que o adulto demonstre interesse pela garatuja, pois a criança precisa sentir que essa via de comunicação é aceitável.

Figura 5- Marta Riquito 2 anos

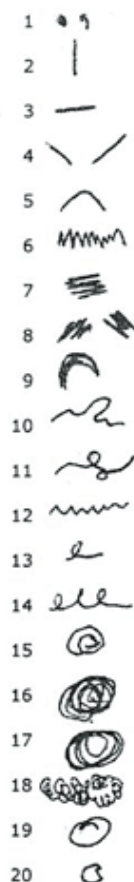


Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>

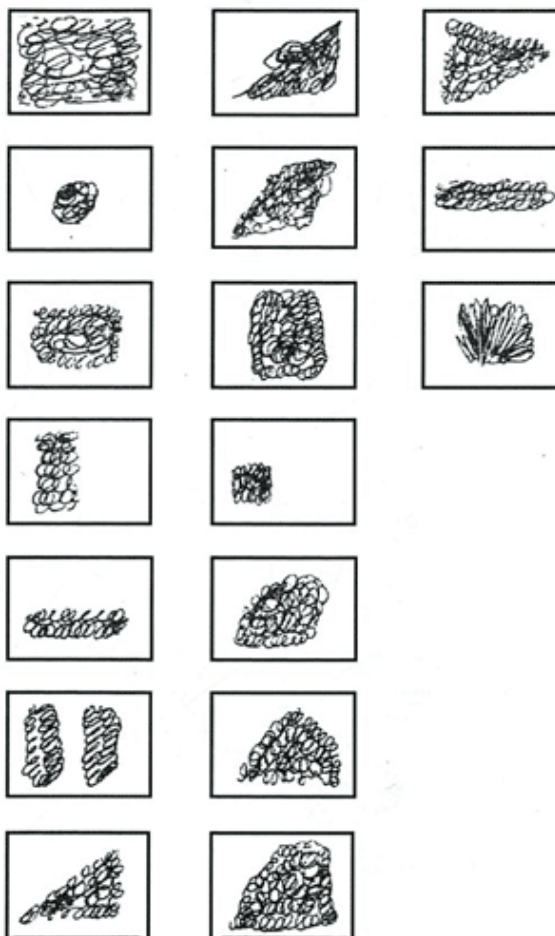
Desde 1970, Rhoda Kellog pesquisadora americana estudou os primeiros traços das crianças, observando e analisando quase 300 mil desenhos de crianças de todo o mundo e identificou padrões de estrutura, como rabiscos básicos e áreas de aplicação dos traços no papel. Kellog mapeou 20 tipos de rabiscos de crianças de até dois anos de idade, produzidos de maneira bastante primitiva em variadas combinações. Um tempo adiante, essas linhas convergem para seis diagramas básicos: círculo ou oval, quadrado ou retângulo, triângulo, cruz ou X e formas irregulares. A eles, depois são agregados elementos como sóis, linhas radiais, perímetros e figuras humanas.

Figura 6- Rabiscos, Rhoda Kellog

Rabiscos básicos



Modelos de implantação



Fonte: <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/importancia-garatuja-educacao-infantil-crianca-520247.shtml>

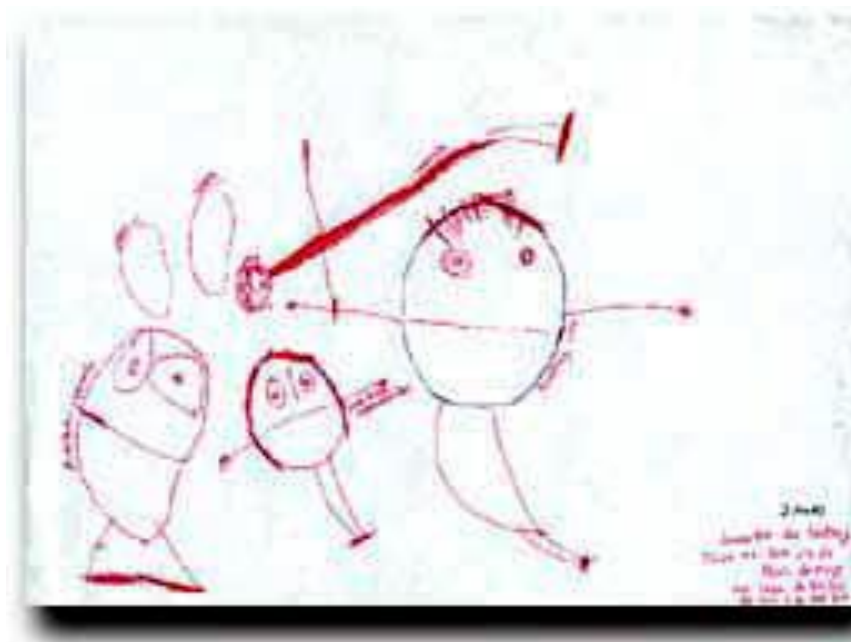
Embora apresentadas de maneira evolutiva, essas classificações não devem ser consideradas fases de desenvolvimento a ser perseguidas. "Elas são representações da ação da criança, de acordo com suas descobertas e com a interpretação que faz do mundo", por isso precisam ser consideradas e valorizadas.

2.3 Garatuja controlada

A criança descobre que existe uma ligação entre seus movimentos e os traços que faz no papel. Esta é uma experiência vital para a criatividade infantil, pois a coordenação entre seu desenvolvimento visual e motor representa uma conquista muito importante. A fruição dessa nova descoberta estimula a criança a variar seus movimentos. As linhas podem ser repetidas e traçadas horizontalmente, verticalmente ou descrevendo círculos com grande vigor. Ficaré, o

dobro do tempo entregue aos seus desenhos e, ocasionalmente, tentará cores diferentes no seu trabalho. Gosta, nesta fase, de encher a folha toda, ao passo que antes tinha até dificuldade em permanecer dentro dos limites da própria página. , por volta dos três anos, já se aproxima da maneira usual, de segurar o lápis, como o adulto. Compreende, agora, melhor o que significa copiar uma linha ou uma cruz, mas não tomará por referência o modelo que lhe tenha sido dado e, de modo geral, seus traços partem em direções imprevisíveis.

Figura 7- Desenho de criança, 3 anos



Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>

Por volta dos três anos, já pode copiar um círculo, mas não ainda um quadrado (Holladay, 1966). As garatujas tornam-se, então, mais elaboradas e, com frequência, a criança descobrirá muito entusiasmada, certas relações entre o que desenhou e alguma coisa em seu meio. Na verdade, pode ainda haver escassa relação entre seu trabalho e a representação visual daquilo a que ela se refere. Esse controle sobre a garatuja também se reflete no domínio que a criança adquire sobre outras partes de seu ambiente. A mãe que, seis meses antes, não conseguia que o filho abotoasse o casaco, descobre, agora, que ele insiste em fazê-lo sozinho. O menino compreende e desfruta a prática dessa nova aptidão. Como o controle sobre sua capacidade motora é uma importante conquista, podemos certamente entender que chamar a

atenção para certos pormenores interessantes do desenho de uma criança não será particularmente benéfico; nessa fase, as intenções infantis não vão além de movimentar o creiom, e o prazer decorre, principalmente, da sensação sinestésica e do seu domínio.

O papel do adulto cresce, agora, de importância, visto que a criança correrá, para ele, com suas garatujas e essa participação na experiência que tem grande valor, não a garatuja em si.

2.4 Atribuição de nomes a garatuja

Grande interesse, no desenvolvimento das crianças, pois elas começam a dar nome às suas garatujas. Talvez o menino diga: "Esta é mamãe", ou "Este sou eu correndo". Contudo, no desenho, não são reconhecíveis nem ele nem a mãe. Esta atribuição de nomes às garatujas é de grande significado, pois indica uma transformação no pensamento da criança. Antes deste estágio, ela estava satisfeita com os movimentos, mas, agora, passou a ligar esses movimentos com o mundo à sua volta. Transferiu-se do pensamento sinestésico para o pensamento imaginativo. Usualmente, esta fase acontece por volta dos três anos e meio. A importância dessa mudança poderá ser compreendida, se nos lembrarmos de que, como adultos, a maior parte de nosso pensamento se processa em função de imagens mentais. Se tentarmos aprofundar em nossa memória, recuando o mais possível, no tempo, ela não nos transportará além dessa fase de atribuição de nomes às garatujas. Assim, é neste ponto que a criança desenvolve uma base para a retenção visual.

Os desenhos, propriamente ditos, não mudaram muito, desde as garatujas primitivas. A criança começa, agora, com alguma ideia sobre o que vai fazer, sendo influenciada por aquilo que já fez. Assim, quando faz alguns riscos, no papel, estes podem ter uma preferência visual para ela, a qual, por seu turno, afetará os desenhos. Antes, a criança podia sentir, às vezes, a relação entre o que tinha desenhado e algum objeto; agora desenha com uma intenção. Embora a criança tenha usualmente chegado à fase de atribuição de nomes às suas garatujas, por volta dos três anos e meio, desfrutará, frequentemente, o puro movimento físico e, se receber um novo instrumento de desenho, passará tempo considerável ensaiando essa ferramenta, examinando-a por todos os lados, descobrindo as suas possibilidades, de modo muito parecido ao que o adulto também faria nessas circunstâncias.

O espaço de tempo que a criança consome, agora, desenhando, aumentará ainda mais, e as garatujas tornam-se muito mais diferenciadas. Poderão estar regularmente distribuídas por toda a página, e os traços serão acompanhados, às vezes, de uma descrição verbal do que está acontecendo no papel. Tal modo de representar não é dirigido a nenhum adulto em particular; parece mais frequentemente, ser uma comunicação com o eu. Nem todas as crianças fazem isso, é claro, mas parece evidente que o desenho se converte, agora, num registro do que elas sentem a respeito de aspectos e partes do seu ambiente; o método ou a forma como desenhavam faz das garatujas um importante meio de comunicação.

Figura 8- Beatriz Riquito 4 anos



Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>

Com efeito, nesta fase, a criança anunciará o que vai desenhando ("Eu agora vou fazer um gato") ou, ocasionalmente, o desenho desenvolver-se-á a partir dos primeiros traços de exploração no papel. É evidente que, embora certas partes possam ter uma intenção, quando estão sendo desenhadas, a criança não tem noção preconcebida do aspecto final das suas garatujas. A linha que é traçada no alto da folha pode ser chamada árvore, mas talvez termine recebendo um nome diferente, antes que o desenho esteja concluído. A linha sinuosa pode ser

um cachorro correndo ou a própria criança, dando saltos gigantescos. Essas linhas nem sempre são representações visuais, porquanto podem ser também representações da natureza não visual; as linhas que transmitem suavidade, aspereza, pressa, turbulência, revestem-se de tanto valor quanto a impressão visual de um objeto.

O ponto importante é que os rabiscos, os traços que podem parecer destituídos de sentido para os adultos têm, de fato, uma significação real para a criança que os desenha. Alguns dos movimentos circulares e traços longitudinais parecem se unir para formar uma pessoa, no desenho infantil, mas os adultos não devem tentar descobrir a realidade visual nesse conjunto ou dar-lhe sua própria interpretação. Talvez haja realmente perigo, se os pais ou professores insistirem com a criança para que encontre algum nome ou alguma explicação para o que desenhou. Pelo contrário, os professores e os pais devem mostrar confiança e incentivar essa nova espécie de pensamento.

A arte de desenhar desperta nos seres humanos a sensibilidade, pois para que a imagem apareça no papel, ou em qualquer outro material, vários sentidos perceptíveis do nosso corpo trabalham: a visão, o pensamento criativo, o gosto sensitivo pela forma, cor e até a percepção de outros saberes.

De acordo com as ideias sugeridas pelo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (Brasil, 1998), o desenho como linguagem indica signos históricos e sociais que possibilitam ao homem significar o mundo. Portanto evidenciamos a Educação Infantil, como sendo a primeira etapa da Educação Básica como espaço de promoção e apropriação das diversas formas de linguagens e expressões, sendo o desenho dotado de significados.

O ato de desenhar é atividade lúdica, reunindo como em todo o jogo, o aspecto operacional e o imaginário. Todo o ato de brincar reúne esses dois aspectos que sadamente se correspondem e envolvem o funcionamento físico, temporal, espacial, as regras; o imaginário envolve o projetar, o pensar, o idealizar, o imaginar situações. É importante ressaltar que o pensamento da criança só evolui se a ela for dada a oportunidade de desenhar, brincar, modelar, enfim agir sobre as coisas extraindo experiências sobre as mesmas. O dinamismo do conjunto destes processos implica em interesse, motivação, afetividade e organização interna, possibilitando a evolução das aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho de pesquisa foi muito rica, uma vez que ampliou meu olhar e conhecimentos sobre a criança, o desenho e suas fases de desenvolvimento, ressaltando sobre a importância da família e da escola nesse processo. O desenho infantil diz muito sobre a criança e expressa a sua forma de interpretação de mundo, ao produzir cada rabisco, linha e gesto a criança deixa sua marca e conta sua história, embora inicialmente o ato de desenhar aconteça simplesmente pelo livre movimento, pelo prazer do gesto.

O desenvolvimento da criança quanto às experiências em arte será mais rico quando responsáveis e educadores se unirem em prol desse objetivo, assim, se torna necessária à identificação de formas de permitir que a criança desenhe, através da exploração e do uso de diversos tipos de materiais e suportes. O trabalho com o desenho se torna de qualidade, quando a criança se identifica e desenvolve sua imaginação e amplia as relações humanas, no qual ela se percebe e adquira conhecimentos relevantes para a compreensão do comportamento social.

Através do desenho a criança pode conhecer o Mundo nas suas diferentes dimensões, podem sentir e fantasiar, desse modo, ela recebe, absorve, reflete e devolve para o Mundo /ações de comportamento que aprendeu: Conceitos, Valores, Crenças, Regras. Por isso é importante conhecer cada fase do desenho e como acontece esse processo, para dessa forma conhecer a criança e saber oferecer as melhores experiências artísticas possíveis, ampliando assim seus horizontes.

Sendo a criança um ser de direito e que produz cultura, cabe aos professores e familiares terem sensibilidade para essa nova concepção de criança, que é capaz de experimentar, criar e atribuir significado em tudo a sua volta. Em especial nas experiências de arte, como foi citado no decorrer do trabalho a criança precisa ser valorizada e incentivada ao produzir suas atividades, tendo uma gama variada e rica de materiais e suportes para serem explorados e tempo para produzir sem cobranças e julgamentos de valores estéticos.

O caminho a percorrer é amplo, rico e repleto de possibilidades, por isso requer sempre novos olhares e estudos quanto ao fazer arte na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A.M. Arte-educação no Brasil. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 132p.

BRASIL: MEC/SEF. Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. V.3, 1998.

COX, Maureen. Desenho da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DERDYK, E. Formas de pensar o desenho. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRA, S. Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança. Campinas: Papyrus, 1998.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, P. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

LOWENFELD, Viktor. A Criança e sua Arte. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. O Desenho Infantil. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Livraria Civilização, 1979.

MAGALHÃES, Zilpa. Ver além dos Rabiscos. In: Revista Avisalá, nº 35, Julho/2008. São Paulo: Ziate.

MARTINEZ, Ilda. Evolução do Desenho Infantil: Abordagem de G. H. Luquet.

MERIDIEU, Florence. O Desenho Infantil. São Paulo: Cultrix, 1974.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O Espaço do Desenho: A educação do educador. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1993.

PILLAR, A.D. A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999. 208p.

Expressão gráfica da criança. Disponível em <<http://www.prof2000.pt/users/hjco/viseuweb/gravasco/sentir.htm>>. Acesso em 19 de julho 2016.

Desenho artístico e história da arte, Egito a arte da imortalidade, janeiro 2008. Disponível em < <http://julirossi.blogspot.com.br/2008/01/blog-post.html> > acesso em 23 de novembro 2011.

Faria, Caroline. História do desenho, info escola navegando e aprendendo, 2009, disponível em < <http://www.infoescola.com/artes/historia-do-desenho/> > acesso em 20 novembro 2011.



A utilização de Recursos Midiáticos no processo ensino/aprendizagem de Língua Inglesa

Valéria Lopes Nascimento¹

RESUMO

A presente elaboração do trabalho de estudo conclusivo vinculado a área de concentração, na utilização de Recursos Midiáticos dentro do processo ensino/aprendizagem em Língua Estrangeira (LE) aqui direcionado para Língua Inglesa na Rede São Paulo de Formação de docentes (REDEFOR) e a Universidade Paulista (UNESP), vem constatar a relevância no desenvolvimento educacional do educando com a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs). A fim de cumprir o desenvolvimento da pesquisa, embasamentos com leitura de textos direcionados a professores nativos ou não de língua inglesa na análise, orientação e seleção de atividades com a utilização das TICs, como ferramenta de ensino que orientarão e pontuarão a elaboração do trabalho conclusivo. Propõe-se também, uma metodologia de pesquisa ação com foco qualitativo (Bleger, 1980) por julgar mais adequado, pois envolve a obtenção de dados descritivos uma vez que o contato entre pesquisador e pesquisado dá-se de forma direta e cuja ênfase é no processo e não no produto (Bogdan e Biklen, 1994). Participaram da pesquisa 240 alunos da Escola Estadual Doutor Carlos Augusto de Freitas Villalva Jr. do Ensino Médio da rede pública onde responderam ao questionário que foi distribuído na primeira semana de outubro de 2011. O objetivo do questionário é constatar o grau de envolvimento dos alunos em uma aula com a utilização de recursos midiáticos.

Palavras Chaves: Recursos Midiáticos, Tecnologia da Informação e Comunicação.

Abstract

This development end of course work linked to the assembly area, the use of media resources within the teaching / learning process in a Foreign Language directed to English Language in Rede São Paulo de Formação de Docentes (REDEFOR) and the Universidade Paulista (UNESP), it comes to verify the relevance in the educational development of the student's use of information and communication technologies (ICTs). In order to achieve the development of research based reading of texts aimed at teachers or non-native English-speaking in the analysis, selection and orientation

¹ Licenciada em Letras Português-Inglês pela Faculdade São Marcos e pós graduada pela UNESP.

activities with the use of ICTs as a teaching tool which will guide and punctuate the elaboration of conclusive work. It also proposes a methodology of action research focused qualitative (Bleger, 1980) for judging the most appropriate because it involves obtaining descriptive data once the contact between researchers and researched to give directly and whose emphasis is in the process and not in the product (Bogdan & Biklen, 1994). 240 students participated in the investigation of the Escola Estadual Dr. Carlos Augusto de Freitas Villava Jr where the public answered to the distributed at the first week of October 2011. The objective of the questionnaire is to see the involvement of students in a class with the use of media resources.

Keywords: Media resources, Information Technology and Communication (ICT).

INTRODUÇÃO

A época atual é de mudanças, revoluções conceituais e evoluções provenientes do desenvolvimento tecnológico que invariavelmente reflete na educação.

Os recursos tecnológicos ressignificam e ampliam a maneira de como construir e lidar com o novo conhecimento.

Novas ferramentas são desenvolvidas e a rede mundial de computadores, a Internet, passa a ser um novo local de interação entre as pessoas, proporcionando um exercício de autonomia e prática social, uma vez voltado para a área educacional, entre professores e educandos.

A mudança maior é a facilidade do acesso à Internet e o uso de computadores que se tornaram parte natural do mundo cotidiano da grande maioria dos educandos nos grandes centros. Isso significa a existência de um novo ensino / aprendizado em sala de aula onde farão parte cada vez mais presente, em uma abordagem combinada tendo o professor a função de mediador do processo de ensino-aprendizagem junto a novos papéis do educando em uma prática contextualizada.

Este presente trabalho de conclusão de estudos não tem a pretensão de pesquisar algo novo e revolucionário, mas a constatação de um momento em que a utilização de recursos midiáticos está presente ainda que singelamente nas escolas de ensino público.

Para tanto, a utilização de Recursos Midiáticos tornou-se uma ferramenta importante para um bom desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem aqui voltado para o estudo de Língua Inglesa.

Pretende-se com este estudo verificar quais recursos midiáticos disponíveis na rede pública facilitam o processo, quais vantagens em utilizá-los e quais habilidades desenvolvidas durante o processo ensino-aprendizagem com o uso da tecnologia de comunicação e informação (TCI).

O objetivo geral desta pesquisa é verificar a utilização de recursos midiáticos para um bom desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.

Verificar quais recursos midiáticos disponíveis na rede pública que facilitam o processo, quais vantagens em utilizá-los e quais habilidades desenvolvidas durante o processo ensino-aprendizagem com o uso da tecnologia de comunicação e informação.

As perguntas que nortearam a pesquisa foram:

1. Quais recursos midiáticos disponíveis na rede pública que facilitam o processo ensino/aprendizagem?
2. Quais vantagens em utilizá-los?
3. Quais habilidades desenvolvidas durante o processo ensino-aprendizagem com o uso da tecnologia de comunicação e informação?

1. A BUSCA POR UM APRENDIZADO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Todos os idiomas refletem a cultura dos países e das regiões onde foram desenvolvidas e são empregados dentro do contexto intercultural.

Hoje, o inglês talvez seja o principal exemplo de um idioma global usado para transmitir informações em áreas como ciências e tecnologias, nas artes e esportes e o mundo do trabalho.

O aprendizado de uma língua estrangeira expande a percepção globalizada do mundo, favorece o intercâmbio cultural, facilita a migração de camadas sociais quando aumenta as competências do indivíduo e permite ascender a outros patamares no mercado de trabalho. (PRECHER, PASQUALIN, AMOS).

Desta forma, a relevância da aquisição linguística e cultural contextualizada em uma língua estrangeira, neste caso refiro-me ao inglês, é inquestionável.

1.1 Desenvolvimentos tecnológicos

A época atual é de mudanças, revoluções e evoluções, pois em pequenos intervalos de tempo presenciámos a chegada de novas tecnologias que “são os

instrumentos relacionados ao saber científico que, quando aplicados na prática, transformam a atividade humana e fundamentam a ciência” (SANCHO, 1998 apud LIMA, 2007) promovendo mudanças na maneira em como lidar com tarefas do dia-a-dia, e isso invariavelmente reflete na área educacional.

Cada recurso tecnológico novo que se apresenta ressignifica, amplia a maneira como construir o conhecimento humano e inova o processo de ensino-aprendizagem no espaço dentro e fora da sala de aula.

O emprego de Tecnologia de Informação e Comunicação possibilita a prática pedagógica contextualizada promovendo o crescimento intelectual do educando por meio de experiências significativas e motivadoras.

Tais experiências devem levar em conta aspectos referentes à prática social e a vivência do educando.

O computador foi uma das criações tecnológicas mais relevantes e impulsionou outras criações nas últimas décadas que por sua vez, contribuíram no auxílio pedagógico.

O computador é o foco de interesse de crianças e adolescentes e todos os recursos que ele oferece. PAIVA e BOHN (2008) chama a atenção também para recursos off-line que oferecem como editor de textos, Power point, entre outros podendo desenvolver competências diversas por meio da realização de tarefas com o auxílio desses recursos. “Ferramenta que oferece opções de atividades” (NORTE, 1997, p.61), poderia desempenhar valoroso papel a favor da otimização do processo de ensino/aprendizagem de línguas. Esta ferramenta de trabalho trouxe consigo a rede mundial de computadores: a Internet.

1.2 Internet como ferramenta de aprendizagem

A Internet é uma das ferramentas tecnológicas que se aproxima da nossa realidade e impera mudanças em todos os setores da sociedade moderna. Pode representar a oportunidade para a comunicação redefinindo o ensino e a aprendizagem, possibilita o acesso a outros países, culturas, línguas, conhecimento e informações.

O estudo de NORTE (1997), também apresentava reflexões a cerca do potencial da Internet e o promissor uso de recursos tecnológicos em contexto de aprendizagem de idiomas:

A Internet, além de interligar continente nos dá a oportunidade de uma realidade comunicativa ímpar (...). Por meios dela, podemos nos comunicar constantemente com falantes nativos. O aluno brasileiro não mais está isolado das línguas, pois temos programas que permitem amenizar essa distância e proporcionar comunicação com qualquer parte do mundo. (NORTE, 1997, p.88)

A Internet possibilita o trabalho online e representa poderosa ferramenta nas aulas de Língua Estrangeira (DONALDSON e HAGGSTROM, 2009). Nessa mídia aberta e descentralizada (MORÁ, 1997) encontramos material autêntico, habilidades multimídia, uma estrutura hiper midiática que permite uma leitura não linear e dinâmica de informação e um grande potencial para habilidades comunicativas.

O acesso à comunicação eletrônica oferece um gama de possibilidades para expandir, enriquecer e complementar o que é realizado em sala de aula transformando informação, entretenimento e interação em conhecimento.

Desta forma, há o surgimento de um novo contexto, a co-construção do conhecimento com troca de saberes, intercambio de conhecimento e desenvolvimento de práticas significativas ao educando e professores que por sua vez, transforma o ensino-aprendizagem.

1.3 Novas necessidades e novos papéis no processo em educar

As mudanças são evidentes com as inovações tecnológicas e exigem novas posturas do educando e do professor.

O professor abandona o tradicionalismo autoritário, centralizado na visão de detentor e transmissor de todo conhecimento para assumir uma nova postura diante dos educandos o de ser mediador entre novos conhecimentos, tecnologias, metodologia pedagógica e o educando. Cabe ao professor a responsabilidade de certificar quais os contextos apropriados, a análise de recursos disponíveis e determinar como podem ser utilizados de forma satisfatória. [...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2002)

É aliar as TICs ao conhecimento e experiência para “ajudar o aluno a construir conhecimento” (D’ELBOUX, 2010).

O educando, da mesma forma, não é mais passivo aos conhecimentos transmitidos. Exige-se um novo papel, o de ser participativo, pesquisador, desenvolvendo autonomia na busca de novos saberes cotidianos e interagir criticamente.

Deve aprender a filtrar as informações, a “organizá-las e a identificar o que é realmente relevante, o que pode ser utilizado e em qual contexto” (D’ELBOUX, 2010).

1.4 Tecnologia de Comunicação e Informação (TICs) na realidade da escola pública.

Com as novas TICs e nova postura dos envolvidos o processo de ensino-aprendizagem tornou-se prazeroso, ágil, pois trata-se da linguagem que o educando atual domina.

Jovens das gerações Y e Z estão mais acostumados a ser multitarefa, mas têm concentração distribuídas em um universo recheado de estímulos; desafio do professor é captar a atenção do aluno do século XXI. (D’ELBOUX, 2010)

A utilização de Data Show nas aulas de modo geral em palestras e seminários estão presentes dentro do espaço educacional público nos grandes centros, assim como sites de pesquisa (wiki=Wikipédia), blogs da classe (oferece a troca de informação de modo abrangente com filmes, CDs, fotos, textos, fóruns, entre outros), blog dos professores (com sugestões de leituras, atividade complementar de estudos).

Contudo, Podcast (equivale a programas de radio e oferece uma diversidade de material em áudio: reportagens, entrevistas,...), Lousas Interativas ou LIS também, conhecida como “e-boards” (conectadas a computadores e a Internet, permitem desenhar, rodar CD de áudio além de escrever entre outros aplicativos) ainda não são vivenciados em escolas públicas, portanto não me aterei a estes recursos que são relevantes, entretanto fica a margem da realidade da grande maioria dos educandos e professores do ensino público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia deste trabalho conclusivo era apresentar o envolvimento dos educandos da rede pública com os recursos midiáticos disponíveis, onde estes podem auxiliar no desenvolvimento da autonomia de estudos e um bom desenvolvimento no processo de ensino/aprendizagem de LE aqui a língua inglesa.

Foi possível constatar que ainda singelamente os educandos constroem uma parceria com alguns professores que tiveram uma mudança na postura em ensinar.

A nova metodologia de ensino exige a mudança da postura do professor também, passando a ser o mediador crítico do conhecimento, onde os recursos midiáticos

viabilizam, vivências interdisciplinar e sociointerativas principalmente no estudo de língua inglesa.

Não se pode afirmar que as TICs serão a salvação, mesmo assim, os professores e educandos tentam direcionar a uma nova metodologia de ensino-aprendizagem com o auxílio dos recursos midiáticos e as TICs disponíveis. Desta forma um novo cenário educacional está se compondo.

Entre os diversos recursos disponíveis online e off-line é inquestionável a importância da Internet como ferramenta para o desenvolvimento das habilidades inerentes a educação, quer sejam pessoais e interpessoais onde o educando tem condições de ampliar informações, permitir a fixação da aprendizagem desenvolvendo e envolvendo-se em experiências contextualizadas além da autonomia e responsabilidade na construção de seu conhecimento.

Finalizamos com a constatação dos relevantes e positivas mudanças na área educacional com o avanço tecnológico produzido nos últimos anos, embora ainda muito discreto.

Fato é que ainda a maioria das escolas publica não dispõem de ambientes propícios a um desenvolvimento pedagógico favorável. Falta espaço físico planejado, menor número de alunos em cada classe, equipamentos adequados e ativos, cursos de formação continuada para professores, mas há o que considero muito importante e que faz toda diferença: professores empenhados em trabalhar dando oportunidades aos educandos com o que há em recursos disponíveis nas escolas. Neste instante convêm citar Gomes (2002) quando discute que o professor é o principal ator de qualquer processo de mudança tanto na escola quanto em sala de aula.

Infelizmente temos um grupo ainda reduzido de educandos interessados e sensibilizados com as TICs como fonte de aprendizagem em sala de aula e como alerta Janaína Cardoso cabe a nós professores do século XXI buscar meios de ajudar o aluno a transformar informação em conhecimento utilizando as tecnologias disponíveis; assim, teremos ajudado a formar um cidadão autônomo, criativo e participativo. (Janaina Cardoso, 2010).

A mudança de postura do educando, ainda muito discreta, começa a transparecer uma motivação e o envolvimento do educando com as TICs, pois tratasse de uma

tecnologia onde o educando utiliza como ferramenta não somente para comunicação no seu dia-a-dia.

Durante o período de desenvolvimento da pesquisa evidencia-se um maior comprometimento dos alunos do 3º ano tanto na elaboração dos projetos interdisciplinar quanto na devolutiva do questionário.

Houve facilitação da aprendizagem dos alunos, pois era evidente o grau de conhecimento demonstrado no dia da apresentação do projeto. A classe mostrou-se unida e integrada.

Cabe neste momento o convite à análise de nossa conduta como educadores e a busca de informações e conhecimento quanto aos recursos que podem ser utilizados para melhor desempenho no processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa com a utilização das TICs.

As mudanças são importantes e devem acompanhar as mudanças globais, mas só ocorrerão caso o professor envolva-se no processo, assim professores e educandos podem e devem falar a mesma linguagem. Vale lembrar: “Our environment, the world in which we live and work, is a mirror of four attitudes and expectations”. Earl Nightingale

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional., Brasília, 1996.

_____, Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasília Mec/ SEF, 1997/1998.

BRASIL. Enem – Documento Básico. Brasília: Mec/ Inesp, 2000.

CARDOSO, J. – Inglês na sala de aula: ação e reflexão, (Org) Sandra Possas. **Tecnologia como uma ferramenta poderosa no aprendizado de idiomas**. Editora Moderna / Richmond 1ªed. São Paulo, 2010, pag. 64, 65.

D’EBOUX, Y. **Aprendizagem na era digital**, Profissão Mestre, n.130, ano11, jul 2010.

DAVIDSON, C. N.; GOLDBERG, D. T. **The Future of Learning Institutions in a Digital Age**. Cambridge: MIT Press, 2009. Disponível em <http://mitpress.mit.edu/books/chapters/Future_of_Learning.pdf>

DONALDSON, R.P.; HAGGSTROM, M. A. (Eds.) **Changing Language Education through CALL**. RoutledgeStudies in Computer Assisted Language Learning. London Routledge,2009.

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. Ed, São Paulo: Paz e Terra 2002

GOMES, N.G. Computador na escola: novas tecnologias e inovações educacionais. In: BELLONI, M. L (Org). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 119-134.

HODGSON. E. C.- Inglês na sala de aula: ação e reflexão, (Org) Sandra Possas. **É possível aprender inglês na escola?**, Editora Moderna / Richmond 1ªed. São Paulo, 2010, pag.50.

NORTE, M. B. **Formatando o Computador no ensino de língua**, 1997, 291f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista, Assis, 1997.

SILVA. L. O. – Inglês na sala de aula: ação e reflexão, (Org) Sandra Possas. **O uso de tecnologias digitais nas aulas de inglês: relato de uma experiência**. Editora Moderna / Richmond 1ªed. São Paulo, 2010.



**O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL**

**THE ROLE OF CHILD LITERATURE IN CHILD EDUCATION: HISTORY OF
CHILDHOOD EDUCATION IN BRAZIL**

Rebeca Paz dos Santos

RESUMO

Este trabalho analisa as contribuições que a Literatura Infantil exerce no desenvolvimento infantil, portanto deve ser incorporada pela Educação Infantil através do professor mediador que tem o papel de providenciar o acesso da literatura, em seus mais diversos gêneros, a seus alunos através da estimulação da leitura oral logo na mais tenra idade escolar. Deve-se levar em consideração o contexto vivenciado pela criança bem como seu universo na escolha da literatura a ser compartilhada no ambiente escolar para que a experiência literária seja significativa e prazerosa. A Educação Infantil é um ambiente propício à prática da leitura compartilhada, prazerosa e livre de cobrança.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Literatura Infantil; Mediador; Leitura.

ABSTRACT

This work analyzes the contributions that Children's Literature plays in children's development, therefore it should be incorporated by Early Childhood Education through the mediator teacher who has the role of providing the access of literature, in its most diverse genres, to his students through the stimulation of reading out aloud at the earliest school age. It is necessary to take into account the context experienced by the child as well as his / her universe in the choice of literature to be shared in the school environment so that the literary experience is meaningful and enjoyable. The Early Childhood Education is an environment conducive to the practice of shared and enjoyable reading, free of mandatory activities.

KEYWORDS: Early Childhood Education; Children's Literature; Mediator; Reading.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo conhecer e compreender melhor o importante papel que a Literatura Infantil desenvolve nas crianças e fornecer subsídios para que o

professor, principalmente da Educação Infantil, torne a leitura uma prática diária no ambiente escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394), promulgada em dezembro de 1996, diz que a educação de crianças pequenas passa a fazer parte da Educação Básica, desta forma, o MEC – Ministério da Educação, incorpora a Educação Infantil no sistema educacional regular. Desde então, tem havido várias discussões sobre a Educação Infantil e queremos percorrer um caminho em que a literatura subsidie o desenvolvimento da criança baseado em sua vivência e protagonismo.

De maneira a entender melhor a influência da Literatura Infantil no universo da criança, será feita uma pesquisa da origem bem como das características deste gênero literário para que, com estes fundamentos, o professor viabilize o contato dos alunos com os livros.

Será avaliado se o contato com os livros na primeira infância pode ajudar no processo de aquisição de leitura e ampliação do processo de comunicação da criança.

Este estudo iniciou-se através da observação do interesse demonstrado pelas crianças durante a contação de história e na roda de leitura. Desta forma, o intuito é fazer uso desta ferramenta de maneira prazerosa e significativa, promover a curiosidade da criança pelo mundo letrado, fomentar sua imaginação e aprimorar sua linguagem.

Para que leitor seja introduzido a esta leitura, apresentaremos os capítulos deste trabalho que, por meio de consultas de teóricas e bibliográficas, foi possível explorar e alcançar o que se propõe este trabalho, trazendo o embasamento deste trabalho com uma abordagem sobre a História da Educação Infantil no Brasil. O reconhecimento da infância e as transformações durante o tempo nos remete ao contexto em que as crianças vivem hoje em dia.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

A criança era considerada como um adulto em miniatura até a Idade Média (Séculos XIV e XV), o mundo infantil era exatamente o mesmo que o universo dos adultos, ou seja, ela era ignorada em suas singularidades infantis. A criança não vivia ou se comportava como tal, ao contrário, exercia tarefas, presenciava acontecimentos e vivenciava experiências do mundo adulto sem nenhuma restrição, foi um tempo em que

lhe foi negado o direito de ser criança. Frabboni (1998) chamou este período de “a criança-adulto”.

No cenário educacional, durante este período, não havia um segmento orientado à infância e nem a preocupação em desenvolver algo apropriado para sua idade.

Os índices de mortalidade infantil eram altíssimos e a morte de crianças, maioritariamente de bebês, era considerada natural. De acordo com Kramer (2003, p.17), “quando sobrevivia, ela entrava diretamente no mundo dos adultos”.

Segundo Cunha (2006), a criança deixou de ser considerada como adulta somente por volta do século XVIII e houve o reconhecimento de suas peculiaridades distintas fundamentais da infância. A criança foi vista através de outra perspectiva pela sociedade, a importância da infância foi reconhecida como um dos primeiros degraus para a vida adulta. Kramer (2003) relata que

Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (‘de adulto’) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. (KRAMER, 2003, p. 19).

Após este período, a criança passou a ser olhada de uma maneira diferente, existem a preocupação e o cuidado em relação aos perigos da sociedade e nasce o conceito focado na construção do caráter da criança, na importância de mantê-la com sua inocência. Kramer (2003) diz que “a ideia de infância, como pode se concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira” (p. 19). A sociedade capitalista desencadeou o surgimento do papel da criança dentro da sociedade como sendo criança, um ser dependente do adulto.

A concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1985, p.13)

2 Criança: sujeito com direito no Brasil

No Brasil, de acordo com Krame (2003), era escasso o atendimento à criança. Houve um empenho de alguns grupos da sociedade brasileira com o intuito de promover ações em favor do atendimento infantil, mas estes movimentos não se concretizaram, pois, a justiça brasileira estava focada no Código de Leis e Regulamentos Orfanológicos, cujo objetivo principal era proteção dos bens dos filhos legítimos.

A Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada na década de 20, foi precursora da Pedagogia Moderna através de publicações pedagógicas, lançou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo, e promoveu muitas conferências de educação para debater importantes questões sobre a educação.

Segundo Kramer (2003), a mortalidade infantil foi o que fez com que as crianças fossem vistas por uma outra perspectiva. Este problema era, em grande parte, atribuído aos filhos de escravos e também aos filhos nascidos de escravos com seus senhores. Outro agravante era a concepção de que a falta de conhecimento das mães expunha os bebês a uma zona de risco de enfermidades pois as mães escravas as amamentavam.

A ligação entre as duas causas se estabelece porque ambas culpam a família, além de colocarem nos negros escravos a origem de doenças. Os poucos projetos desenvolvidos [...] tinham, portanto, um caráter preconceituoso e valorizavam diferentemente as crianças negras (filhas de escravos) e as de elite (filhas de senhores). A conduta de uma suposta família abstrata era considerada como padrão. (KRAMER, 2003, p. 49-50).

Foi somente no século XIX que a criança foi vista com um olhar mais humanizado e houve uma preocupação em relação à educação e saúde. De acordo com Nunes e Silva (2000), o Brasil somente reconhece a criança no final deste século. Segundo os autores, os jesuítas foram pioneiros na criação de uma instituição formal para o tratamento das crianças brasileiras que, em sua maioria, eram filhas de índios. Os jesuítas acreditavam que a infância era o momento ideal para os ensinamentos religiosos.

O Instituto de Proteção e Assistência à Infância, fundado em 1899 no Rio de Janeiro por Arthur Moncorvo, prestava assistência médica para crianças de até oito anos de idade. Tinha também o objetivo de implementar leis assistenciais para recém-nascidos e prestar serviços de clínicas médicas, atuação das amas de leite, cuidados com crianças trabalhadoras, fornecimento de medicamentos etc. Entre as prioridades do instituto estavam o incentivo à amamentação materna, maternidade e creches.

A fundação do Instituto foi contemporânea a uma certa movimentação em torno da criação de creches, jardins de infância, maternidades e da realização de encontros e publicações. Em 1908, teve início a 'primeira creche popular cientificamente dirigida' a filhos de operários até dois anos e, em 1909, foi inaugurado o Jardim de Infância Campos Salles, no Rio de Janeiro. Enquanto havia creches na Europa desde o século XVIII e jardins de infância desde o século XIX, no Brasil ambos são instituições do século XX. (KRAMER, 2003, p. 52).

Segundo Aranha (1989), Friedrich Froebel, nascido na Turíngia em 1782, teve destaque na educação. Os *Kindergarten*, conhecidos hoje como Jardim de Infância, foram criados com vistas ao ensinamento na primeira infância. Eles eram dedicados ao ensino infantil tendo como base a importância desta fase no desenvolvimento da criança e como preparação para a vida adulta.

A autora faz analogia do termo “Jardim de Infância” ao cuidado que um jardineiro tem em relação à sua planta, zela por ela desde a semente até que floresça, cuidando de cada fase de seu desenvolvimento.

Froebel valoriza, portanto, tudo o que promova tal desenvolvimento, privilegiando a atividade lúdica por perceber o significado funcional do jogo para o desenvolvimento sensório-motor. As habilidades são aperfeiçoadas por meio de métodos lúdicos por ele inventados. Por exemplo, os *dons* são materiais destinados a despertar a representação da forma, da cor, do movimento e da matéria, sendo constituídos de bola, esfera, cubo, cilindro e cubos desmontáveis. Froebel estava convencido de que a alegria do jogo levaria a criança, de forma mais tranquila, para a aceitação do trabalho. (ARANHA, 1989, p. 186).

No entanto, Froebel tem sido criticado por sua teoria da psicologia, segundo aponta Aranha (1989), porém ele muito contribuiu para a construção do conceito da área de Educação focado na criança.

O Instituto de Proteção e Assistência à Infância, segundo Kramer (2003), participou de campanhas de vacinação muito importantes. Em 1919, os fundadores do instituto criaram o Departamento da Criança no Brasil que o Estado passaria a ser o responsável. No entanto, o Estado não cumpriu seu compromisso, conseqüentemente o próprio instituto assumiu a administração do Departamento da Criança no Brasil.

Criado e mantido em termos de recursos por Moncorvo Filho, sem receber qualquer auxílio do Estado ou da municipalidade, o Departamento da Criança no Brasil – reconhecido de Utilidade Pública em 1920 – se atribuía diferentes tarefas: realizar histórico sobre a situação da proteção à infância no Brasil (arquivo); fomentar iniciativas de amparo à criança e à mulher grávida pobre; publicar boletins; divulgar conhecimentos; promover congressos; concorrer para a aplicação das leis de amparo à criança; uniformizar as estatísticas brasileiras sobre mortalidade infantil. (KRAMER, 2003, p. 53).

De acordo com a autora, em 1930, o Brasil passou por mudanças que afetaram a saúde, economia e educação.

A causa da criança despertava o interesse das autoridades oficiais e consolidava iniciativas particulares. Num contexto de reforço ao patriotismo e por questões de conciliações políticas foram tomadas medidas burocráticas que influenciaram a conjuntura administrativa e os programas de atendimento à infância. (KRAMER, 2003, p. 57).

O Ministério da Educação e Saúde Pública foi criado no final de 1930 e estas duas vertentes estiveram juntas até 1950. Segundo Kramer (2003), este Ministério “criou, mais tarde, o Departamento Nacional da Criança, órgão que centralizou o atendimento à infância brasileira durante quase 30 anos” (p. 59).

Segundo a autora, o Departamento Nacional da Criança (DNCr), criado junto ao Ministério da Educação e Saúde, responsável por campanhas de cunho médico-higienista, visava combater a desnutrição, oferecer vacinas e desenvolver estudos e pesquisas no Instituto Fernandes. No entanto, estes benefícios estavam disponíveis somente para uma parte da população e, este descaso, levantou discussões sobre o efetivo bem-estar social proporcionado pelo Estado.

Dentre as principais técnicas empregadas para o ‘fortalecimento’ das famílias constavam cursos e palestras dirigidos às equipes das instituições. Neles se enfatizava a necessidade tanto de que as escolas de serviço social colaborassem no que se referia ao ‘bem-estar’ da criança nas instituições, quanto a de que todos os membros de entidades públicas e privadas desenvolvessem ‘modernos’ conceitos de assistência infantil. (KRAMER, 2003, p. 65).

No período de 1960 a 1970, o Brasil passou por transformações expressivas, segundo a autora, as quais repercutiram em muitas áreas, incluindo o Departamento Nacional da Criança, cuja administração foi transferida para outros órgãos.

Com a chegada da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5.692 da nova legislação de 1971, ocorre uma mudança importante no que diz respeito ao ensino básico na educação, este passa a ser obrigatório, gratuito, realizado em um período de oito anos. Ao município ficou atribuída a responsabilidade pela pré-escola, conforme o artigo 11º da LDB, conforme segue:

V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino. (BRASIL,1996).

Apesar de ter sido um grande avanço no âmbito da educação, começam a surgir os problemas de evasão escolar e de repetência e percebe-se a necessidade de resolução do problema o quanto antes. Identificou-se, então, que estes problemas eram oriundos dos

alunos mais pobres, dessa forma, surge a educação compensatória, conhecida como educação pré-escolar, destinada para que, crianças de quatro a seis anos, privadas de cultura, pudessem ter a oportunidade de ter contato com a educação.

Nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil em 1998, artigo 21º da LDB, a Educação Infantil passa a integrar a educação básica e passa ser um direito de todos os cidadãos. Fica estabelecido que a educação escolar seria composta por: “I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior” (BRASIL, 1996).

A lei caracteriza as etapas e os objetivos Educação Infantil:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (BRASIL, 1996).

Foi necessário muito tempo e trabalho para que os direitos educacionais das crianças, bem como seu planejamento e atendimento, fossem concretizados e a LDB foi fundamental para esta conquista. A Educação precisa ser constantemente lembrada, estudada, discutida e inovada para que, cada dia mais, as crianças possam ser respeitadas, vistas como cidadãos de direitos e sujeitos ativos na construção de seus conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações apresentadas, foi possível elencar os aspectos importantes referentes ao papel da Literatura Infantil durante o desenvolvimento da criança.

Através desta pesquisa, foi possível entender como a criança foi tratada e percebida pela sociedade há alguns séculos e a maneira como este panorama sofreu mudanças significativas ao longo dos anos e continua em transformação até o momento presente. Percebeu-se que era necessário reconhecer a primeira infância como uma fase distinta à fase adulta com características próprias e peculiares à idade. Esta evolução reconheceu que a primeira etapa da vida é uma fase fundamental do desenvolvimento infantil e não somente um período antecessor e preparatório para a fase adulta.

A partir dessa compreensão, a história da Educação Infantil bem como a história da Literatura Infantil também passaram pelo mesmo processo de desenvolvimento e amadurecimento do conceito do que é ser criança, suas necessidades e o que é necessário e deve ser garantido como direito, além de suas características e peculiaridades. Discute-se como atender o público infantil de forma a atingi-lo plenamente para que seu desenvolvimento seja alcançado.

A Educação Infantil trilhou um longo caminho para sua consolidação como parte integrante da Educação Básica no Brasil e o professor deve zelar por esta conquista sempre procurando oferecer melhores oportunidades ao aluno nesta fase escolar.

Comprovadamente, considerando os teóricos mencionados neste trabalho, percebeu-se o quanto a Literatura Infantil exerce grande influência no desenvolvimento infantil.

Quando a criança tem a oportunidade de manipular os livros, de observar as ilustrações, de escutar os textos lidos pelo professor, ela tem a oportunidade de embarcar em uma viagem em que pode explorar inúmeras possibilidades de compreensão e a forma como estão organizados os fatos narrados, além da representação das coisas. Neste momento, a criança alimenta sua imaginação e a forma como ela se relaciona com sua realidade.

É neste ambiente onde a criança vai se acostumando ao envolvimento que a leitura traz e, a partir deste contexto, ela começa a se preparar para adquirir a habilidade de leitura com inclinação de ser um leitor capaz.

Dessa forma, o papel que o professor mediador tem de criar oportunidades diferenciadas e diversificadas a seus alunos envolvendo a Literatura Infantil é imprescindível. O desenvolvimento da prática da leitura pelo mediador é fundamental para que o momento se torne prazeroso para o público infantil através de leituras que tragam significado para seu mundo.

O momento da leitura e da contação de histórias despertam na criança um envolvimento consigo mesma e com o mundo, as experiências são significativas e engrandecem seu desenvolvimento, e por esta razão, a Literatura Infantil deve ser reconhecida e valorizada dentro da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1989.

BAJARD, Élie. **Da escuta dos textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI 5.692/71**. Agosto de 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692impressao.htm. Acesso em: 05 mai. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI 9.394/96**. Dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.

CADEMARTORI, L. **O que é Literatura Infantil?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2006.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis: ozes, 2010.

FRABBONI, Franco. A escola infantil entre a cultura da infância e a ciência pedagógica e didática. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____.; LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância e produção cultural**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.

NUNES, E. ; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e proposta práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte; PALO, Maria José. **Literatura Infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

_____. **Como e porque ler a Literatura Infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fauesp
ISSN 2675-1186

**PROMOÇÃO DA PREVENÇÃO DA CÁRIE DENTÁRIA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

PROMOTION OF PREVENTION OF DENTAL CARIES IN ELEMENTARY
EDUCATION

Clóvis Dias dos Passos¹

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa a qual teve por intenção a investigação da prática escolar dentro do âmbito da educação infantil com intuito de comprovar a eficácia da educação infantil enquanto espaço de aprendizagem para a prevenção da cárie dentária e a participação dos pais nesse processo, tratando em específico o tema cárie dentária e seus meios de prevenção. Para esse fim, foi entregue um questionário aos pais dos alunos, contendo 9 questões de múltipla escolha, abordando sua participação no processo de aprendizagem das crianças quanto à higienização bucal. Este trabalho não tem a pretensão de generalizar suas informações e nem mesmo projetar tais resultados para a população, mas comprovar a eficácia do trabalho desenvolvido em uma escola da rede pública. Através deste foi possível comprovar que quanto menos educação possuem os pais das crianças maiores a possibilidade de desenvolver cárie dentária, uma vez que não acreditam e nem mesmo conhecem o efeito destruidor ocasionado pela doença, tanto em aspectos biológicos como biopsicossocial. Também foi possível evidenciar a necessidade da participação dos pais dos alunos dentro do âmbito escolar, cabendo à escola possibilitar meios para inserir os pais no processo de ensino aprendido.

PALAVRAS-CHAVE: cárie, competências, aprendizagem, escola, educação infantil

ABSTRACT

The present work is a qualitative research whose intention was the investigation of the school practice within the scope of the infantile education in order to prove the efficacy of the infantile education as space of learning for the prevention of the dental caries and the participation of the parents in this process, treating in particular the dental caries theme and its means of prevention. To this end, a questionnaire was sent to the parents of the students, containing 9 multiple choice questions, addressing their participation in the children's learning process regarding oral hygiene. This work does not pretend to generalize its information nor even to project such results to the population, but to prove the effectiveness of the work developed in a public school. Through this it was possible to prove that the less education the parents of the larger children have the possibility of developing dental caries, since they do not believe and do not even know the destructive

¹ Licenciado em Biologia e Pedagogia, Bacharel em Enfermagem e Odontologia, Especialista em Educação Infantil, Tecnologia da Educação, Direito Educacional, Educação Inclusiva e Enfermagem Obstétrica, Diretor de escola da Rede Pública Municipal de Ensino de São Paulo, professor da disciplina de Ciências na rede Estadual de São Paulo. E-mail: passosclovis@gmail.com

effect caused by the disease, in both biological and biopsychosocial aspects. parents' participation in the school context, and it is up to the school to provide the means to insert parents into the learning process.

KEYWORDS: caries, skills, learning, school, early childhood education

INTRODUÇÃO

A educação vem passando por um intenso processo de revisão sobre as concepções de educação das crianças, discussões em torno das práticas pedagógicas e dos espaços de aprendizagem vem se afirmando em diversas esferas, a mais recente discussão está em torno da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, publicada no Diário Oficial da União, a qual altera a LDB e destaca a obrigatoriedade da educação básica dos 4 aos 17 anos de idade. Tal mudança repercute diretamente no público infantil, evidenciando a necessidade das escolas de educação e o seu papel social diante deste contexto.¹⁹

“A infância não é mais apenas um investimento no futuro da criança, nem tampouco a realização do sonho material e simbólico do adulto. As crianças têm-se se constituído em parceiros diversos dos adultos e portadores de singularidades com os quais podemos negociar afetos, interações, conhecimentos e espaço social” (WAJSKOP, 1995, p.62)

Educar significa propiciar condições para que a criança possa criar e ressignificar seu conhecimento, construindo-o e solidificando-o através da interação com as outras pessoas e com o meio, desta forma a escola enquanto espaço enriquecedor pode contribuir neste aspecto, oportunizando acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural, através da apropriação da capacidade individual e coletiva de cada criança, potencializando sua capacidade corporais, emocionais, estéticas e éticas na busca de uma formação saudável contemplando a busca da felicidade.

A escola enquanto instituição realiza papel formador, auxiliando na construção do conhecimento por parte do aluno através de suas práticas pedagógicas, no intuito de formar um cidadão participativo dentro das instâncias sociais, pela mediação de seu conhecimento científico, estético e filosófico, proporcionando condições para que o aluno desenvolva competências e habilidades ao longo dos anos de estudo. Para atingir esses objetivos, diversos temas são trabalhados nas mais diversas disciplinas que compõe o currículo escolar, neste sentido a promoção da saúde se faz presente e necessário dentro do âmbito escolar, no intuito de fazer com que o aluno desenvolva competências e habilidades para fazer a leitura crítica do mundo ao qual está inserido. Partindo de sua realidade local às áreas maiores, questionando-o para melhor compreendê-lo, inferindo

questões e compartilhando idéias, levando em consideração a complexidade de nosso tempo.

Fleury, 2000 (apud Dutra, 2001) deixa claro que competência é saber agir de maneira responsável, fazendo uso de seu conhecimento, habilidade e atitudes agregando valores dentro de uma sociedade, sendo para isso necessário, saber agir, mobilizar, transferir, aprender, se engajar, ter visão estratégica, assumir responsabilidades dentro do ambiente ao qual esta inserido, respeitando e valorizando a si e aos outros mutuamente.

Desta forma a promoção da saúde é uma das competências que deve ser agregada pelos alunos durante todo o período de sua escolarização, tendo seu início no período da Educação Infantil. Temas ou subtemas os quais promovam a saúde poderão ser tratados ao longo desse tempo de escolarização. A cárie dentária é um desses temas que devem ser tratados ao longo desses anos, segundo Guimarães (2004), as crianças apresentam um ecossistema bucal em desenvolvimento os quais são susceptíveis à colonização bacteriana e acrescenta que a prevalência da cárie aumenta proporcionalmente com a idade, ações como o uso de agentes antimicrobianos e principalmente a prevenção da transmissão dos organismos cariogênicos, por meio de orientação e educação do núcleo familiar da criança, são estratégias importantes nas ações preventivas uma vez que, o comportamento de seus filhos dependerá fundamentalmente do conhecimento e das práticas diárias apresentadas por suas mães.⁵

Embora a prevalência de cárie dentária no Brasil venha diminuindo ao longo dos anos, ainda é fator preocupante, uma vez que os níveis apresentados ainda são elevados em relação aos países desenvolvidos.⁷

A cárie precoce na infância apresenta repercussões que podem comprometer o crescimento e desenvolvimento normais da criança, devendo-se, portanto, considerar uma abordagem psicológica e social, além da convencional abordagem biológica. (FEITOSA, 2003)

Garbin (2011) ao discorrer sobre cárie dentária aponta a necessidade de um trabalho de prevenção odontológica mais voltado aos pré escolares, uma vez que a maioria dos programas de saúde bucal tem direcionado quase a totalidade de seus recursos, aos escolares. Desta forma surgem alguns questionamentos:

Tendo em vista que a saúde começa pela boca, é necessário apresentar aos nossos alunos, a importância de se manter a higiene e as funções de todos os elementos

presentes em nossa boca. A escola enquanto instituição reuni em seu âmbito grande parte da população, tendo sobre este um poder transformador nas práticas diárias, nestes espaços. Professores convivem diariamente com as crianças, passam mais tempo com estes profissionais do que com os próprios pais. Este convívio assíduo e contínuo por vários anos, estabelece vínculos afetivos não só com as crianças, mas também com seus familiares ou responsáveis, o que possibilita uma ação desencadeadora de ações educativas.

A escola representa uma importância extrema neste grupo etário, e é um ambiente extra familiar que permite reforçar respostas sociais aprendidas em casa, representar novas, e até mesmo restringir ou até mesmo incluir algumas incorretas` (GARCIA; SILVA et ali, 2007, p.30)

Infelizmente a educação em saúde bucal, não abrange todos em nosso país, muitos desconhecem os cuidados necessários para realização do autocuidado, o que evidencia a importância da promoção da saúde bucal, desde a primeira infância as crianças tenham contato e adquiram conhecimento voltado para o autocuidado e todos os seus benefícios, no sentido da busca da qualidade de vida de todos os envolvidos.

Segundo Bottan (2008), saúde bucal nada mais é do que a aquisição de conhecimentos, desenvolvimentos, atitudes e aquisição de valores, que levam a pessoa a agir no seu dia-a-dia em benefício da sua saúde e da saúde da coletividade. Mas para que esta ação aconteça é necessário não somente informar, mas sim uma relação de diálogo, onde os integrantes participem em todos os momentos da ação educativa.

O ambiente escolar é propício para o desenvolvimento em programas de saúde e a implantação de medidas preventivas, por reunir crianças em várias faixas etária e de diferentes vertentes, tornando assim, o trabalho mais abrangente a diversos grupos de alunos e faixas etárias.

Qual o trabalho desenvolvido na Educação Infantil diante do tema cárie dentária? Será que os alunos desenvolveram as competências essenciais para a promoção da saúde ao longo dos anos de escolarização na Educação Infantil? Qual a participação dos pais nesse processo?

Na busca das respostas a estes questionamentos, este estudo foi planejado para investigar a participação dos pais.

1 QUAL A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA SAÚDE BUCAL?

Tendo em vista que a periferia, área desprovida de recursos e conhecimentos socioeconômicos e culturais vem sendo em sua maioria prejudicada, a promoção da saúde bucal é pouco ou até mesmo não disseminada entre este público, esta prática tão necessária que está além da estética, contribui significativamente para a saúde e a autoestima, uma vez que a promoção da saúde bucal vai de encontro a redução do índice de cárie na população.

A cárie dentária pode ser definida como uma destruição localizada dos tecidos dentais causada pela ação das bactérias, uma outra forma de denominar a deterioração do dente é o seu estilo de vida - o que se come, como cuida dos seus dentes, a presença de flúor na água ingerida, o flúor no creme dental. A hereditariedade também tem um papel importante na predisposição de seus dentes para se deteriorarem.(COLGATE.SA)

O uso contínuo de medicamentos e antibióticos tudo isto aumenta o índice de cáries na população devido á estes vários fatores queremos ressaltar: A importância do professor na promoção de saúde bucal.

A saúde bucal é um direito que pode e deve ser fiscalizado pela população visando uma melhor qualidade de vida. Desta forma quando a criança é ensinada e educada, mantém hábitos e cuidados com a saúde bucal e cresce com uma rotina estabelecida, disposta a manter hábitos saudáveis.

Por este motivo o professor torna-se fundamental nesta jornada, pois caracteriza-se como formador de opinião e através do esforço educativo aborda, integra e inclui a socialização odontológica principalmente no ensino infantil e fundamental.

“O papel do educador na saúde bucal em uma escola, será o de criar condições para o envolvimento tanto da comunidade escolar quanto das associações de Pais, que contribuam para o maior conhecimento acerca do próprio corpo e dos determinantes sociais do processo saúde doença” (FRANCHIN, BASTING, et ali ,2006 p 106).

2 2.1 Cárie Dentária

A doença cárie tem afetado a humanidade desde a pré-história, e sua etiologia é influenciada por diversos fatores culturais, sociais e tecnológicos, o que dificulta corretamente sua definição. Hoje a doença cárie devido sua complexidade é vista como uma doença biossocial a qual afeta a saúde de diversos indivíduos dentro de uma sociedade, acometendo desde crianças á idosos, desencadeando consigo repercussões socioeconômicas negativas, tais como absenteísmo no trabalho e na escola.

Para Sant'Anna et al (2001), “a cárie dentária é considerada uma doença bacteriana pós-eruptiva quase sempre caracterizada por destruição progressiva e centrípeta dos tecidos mineralizados dos dentes.”¹⁵

A cárie dentária é uma doença multifatorial, associada à dieta inadequada, rica em açúcares e carboidratos, à má higienização bucal e aos fatores sociais, como baixa escolaridade e nível sócio econômico. Acomete indivíduos de diversas idades, indo da tenra infância até a fase adulta, sendo mais prevalente na infância e adolescência devido à vulnerabilidade destes grupos populacionais. A cárie dentária pode ser dolorosa, causando lesões irreversíveis, ocasionando perda de dentes e alterações mastigatórias. (FEITOSA, 2003).

A prevalência e a severidade da doença cárie pode ser determinada pelas condições do meio bucal e pela relação dinâmica entre os múltiplos fatores etiológicos.

Podemos dividir os fatores entre primários e secundários. Fatores primários ou essenciais são divididos em 3 grupos distintos os quais se relacionam intimamente, interagindo entre si, são eles;

- a) fatores do hospedeiro – tecidos dentários susceptíveis à desmineralização;
- b) fatores da microbiota – bactérias orais na cavidade bucal com potencial cariogênico;
- c) fatores do ambiente – substrato (restos alimentares) que oferecem condições favoráveis para proliferação de bactérias cariogênicas.

A diminuição ou aumento da defesa do hospedeiro está relacionada com interação e o dinamismo que ocasiona modificações quantitativas e qualitativas na microflora bucal aumentando ou reduzindo o potencial ácido cariogênico do substrato.

Segundo Ferreira (2000), a saliva contribui significativamente para a redução de cárie, ausência ou redução da mesma faz com que haja um aumento na proliferação da carie dentária, a manutenção da saúde bucal passa obrigatoriamente por um fluxo salivar que por sua vez desempenha diversas funções que são elas: ⁶

- Ação de limpeza (autoclise), auxiliando na remoção de restos alimentares existentes na boca;
- Dissolução de substâncias, através da enzima ptialina que catalisa os carboidratos, facilitando o reconhecimento dos sabores e a digestão.

Diluição e tamponamento dos ácidos existentes na cavidade bucal, os quais são originados de dietas ou durante a formação de placa dental.

Fornecer substâncias orgânicas e inorgânicas as quais inibem o processo de desmineralização dental possibilitando condições favoráveis para uma remineralização das lesões cáries iniciais.

A saliva também desempenha função antimicrobiana, propiciando a aglutinação e deglutição de bactérias, prevenindo a adesão e inibindo o metabolismo bacteriano. Distúrbios de ordem sistêmica podem alterar o fluxo salivar como é o caso da doença conhecida como xerostomia, digosialia, axalia e a estomatite seca, que consiste na hipossalivação, a qual pode ser desencadeada por diversos fatores, como o uso de medicamentos, antidepressivos, diuréticos, anti-histamínicos e narcóticos, doença de Parkinson, doenças auto-imunes, diabetes mellitus, anorexia nervosa, jejum frequente, entre outros. Independentemente do fator desencadeante a xerostomia propicia um aumento significativo na doença cárie, deixando evidente a importância do fluxo salivar dentro da cavidade bucal. (FEITOSA, 2003)

A cárie dentária resulta-se primeiramente da dissolução dos componentes minerais do esmalte dentário, devido à ação dos ácidos formados durante o período de metabolismo dos resíduos alimentares pelas bactérias colonizadoras das superfícies dentárias. Tais ácidos são capazes de baixar o nível de pH do meio bucal, facilitando a ocorrência do processo de desmineralização.

Valores críticos do pH (5,4 a 4,4) na cavidade bucal em específico na interface do biofilme esmalte, faz com que ocorra perda de íons de cálcio e fosfato. A entrada do ácido para dentro do esmalte dentário e a difusão do mineral em sentido contrário, desencadeia a progressão do processo cariogênico.

A cárie dentária desenvolve-se em regiões na qual há um acúmulo de biofilme dental (placa bacteriana), meio propício para a proliferação bacteriana, onde a matriz do biofilme serve como meio de sustentação e nutrição dessas colônias de bactérias, especialmente a *Streptococcus Mutans*, embora não seja a única presente na cavidade bucal, essa formação se dá num espaço de 24 horas, o que justifica a necessidade de uma escovação diária. (GARBIN, 2012)

A ausência de uma escovação eficaz possibilita um aumento no acúmulo de placas e conseqüentemente na incidência de cárie e doenças periodontais. As mudanças nas

estruturas do esmalte ocorrem de forma progressiva podendo sem muita das vezes visualizada a olho nú, nestas áreas pode haver um processo de desmineralização e remineralização do substrato dentário. Quando a remineralização é deficiente ou há no substrato dentário um acúmulo de biofilme ocorre uma perda de minerais acumulativa, o que reduz significativamente a translucidez do dente, caracterizada por lesões brancas opacas.

A perda de minerais na superfície do esmalte dentário, modifica a micro-anatomia da superfície dentária e conseqüentemente a sua coloração, alterando a translucidez do esmalte.¹⁵

Ferreira (2000), questiona as medidas da cárie em nível populacional e destaca que a cárie dentária é causada principalmente pela má alimentação e falta de hábitos de higiene bucal, além da privação social. Desta forma descreve a cárie dentária como uma doença ou processo crônico que age lentamente, podendo desenvolver-se em qualquer sítio dentário sendo ocasionado devido a uma desmineralização gradual dos tecidos envolvidos na composição dentária. Diversos tecidos podem ser afetados pela cárie dentária iniciando-se sempre no esmalte, atingindo dentina e cimento caracterizando um processo patológico localizado, o qual requer intervenção.

A promoção da saúde bucal se aplicada com princípios de equidade, universalidade e integralidade alcançará uma grande massa populacional, gerando medidas eficazes e com custo reduzido. Ações como adição de flúor nas águas de abastecimento público e desenvolvimento de modelos de atenção à saúde bucal, contribuí significativamente para a redução da doença cárie. Outras estratégias como a utilização de produtos fluoretados (dentrificios, enxaguatórios bucais, flúor em géis para aplicação tópica entre outros) e o uso do fio dental, associados a ações de cunho educativo, através de demonstração de uso e sensibilização quanto a real necessidade de uma higiene bucal, resulta na redução do índice de cárie dentária e doenças do periodonto.(FRIAS, 2007)

Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, ao discorrer sobre a criança, destaca a importância da autonomia, esclarecendo que esta é a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras e valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, sendo este um dos objetivos da educação infantil. Na busca de autonomia e auto cuidado para com a saúde, deixa claro que não deve ser uma regra prescrita aos estudantes, mas que esteja vinculada à reflexão sobre as

suas condições de vida e as de outras pessoas, bem como sobre o equilíbrio dinâmico dos processos de saúde-doença que todos vivemos. (BRASIL, 1998)

Desta forma ao trabalhar o tema cárie dentária a escola concretiza a promoção da saúde e contribui para que os alunos reflitam sobre o auto-cuidado na busca do equilíbrio da sua saúde individual e coletiva, através de mudanças de hábitos como uma melhor escolha de ingestas e realização da higienização bucal.

Desta forma é preciso planejar oportunidades para a criança desenvolver sua autonomia e autocuidado, sendo este um processo de aprendizagem constante dentro do âmbito escolar, na busca da construção da identidade através de elementos concreto do cotidiano, partindo dos conhecimentos que a criança já trazem consigo, os quais foram adquiridos com sua vivência em âmbito familiar e social. A abordagem didática deve pautar-se em protagonização das crianças ao vivenciar experiências que lhes forneçam conteúdo associados a práticas sociais reais, uma vez que não há aprendizagem sem conteúdo e sem reorganizações do conhecimento, podemos citar a escovação dentária como uma dessas práticas, a serem trabalhadas no cotidiano escolar.

Cuidar da criança não significa somente atender suas necessidades físicas oferecendo-lhe condições de se sentir confortável em relação ao sono, fome sede, higiene, dor, embora esses aspectos devam ser atendidos com maior eficiência possível, dado serem as crianças pequenas vulneráveis a vários riscos e doenças que podem ser previstos e controlados. O necessário trabalho preventivo ocorre pelo estabelecimento de uma parceria com as famílias na observação de sinais e detecção de sintomas ligados a alguns problemas... a prevenção ocorre também pelo trabalho cotidiano com as crianças que leva à formação de hábitos de cuidado pessoal e pela adequada organização do ambiente” (SÃO PAULO, P.18)

3 SUJEITOS E MÉTODOS

3.1 Tipo de estudo

Para o desenvolvimento do trabalho optou-se por um estudo do tipo transversal epidemiológico, realizado apenas em uma etapa, onde os pais dos alunos de uma escola de educação infantil foram convidados a participarem de uma pesquisa através de um questionário de múltiplas escolhas.

3.2 Amostra

Após a coleta de dados, os mesmos foram tabulados e foram analisados por meio de medidas descritivas, oportunizando discussões junto aos resultados encontrados

3.3 Local do estudo

O trabalho foi desenvolvido na EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) Prof. Dalmo Amaral Machado situada na zona leste de São Paulo. Trata-se de uma escola de Educação Infantil, a qual funciona em dois turnos. O trabalho teve como público alvo os alunos do 5º estágio, os quais estudam no período vespertino, alguns oriundos de CEI (Centro de Educação Infantil), onde já houve o início de um processo educacional formativo, outros são oriundos de seus lares, nunca tiveram uma escolarização. Em sua grande maioria trata-se de crianças 4 a 5 anos de idade, de classe social baixa, muitos filhos de pais com pouco escolaridade e poucas condições sócio-econômicas.

4 COLETA DE DADOS

O trabalho de coleta de dados consistiu na aplicação de questionário (teste) o qual foi respondido pelos pais dos alunos no intuito de identificar a sua participação no processo ensino-aprendizagem do aluno, frisando o auto cuidado em específico a higienização bucal, também foi levantando questões sobre hábitos deletérios. Foram entregues 200 questionários com 9 questões de múltiplas escolhas, tratando o tema cárie dentária. Os pais foram orientados pelo professor para responder as questões com a verdade, foram recebidos e analisados 106 questionários, os demais não foram recebidos na unidade escolar.

5 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados consistiu na aplicação testes, tratando-se de uma metodologia qualitativa, na qual teve por intenção a investigação da participação dos pais no processo educacional, em específico na prevenção da saúde bucal, não com a pretensão de generalizar suas informações e nem mesmo projetar tais resultados para a população, mas comprovar a eficácia do trabalho de prevenção da cárie dentaria dentro do âmbito escolar, a participação dos pais e o Ensino de Educação Infantil como espaço de aprendizagem. Desta forma foram analisadas as questões do questionário aplicado aos pais, devido a sua significância ao tema e ao trabalho desenvolvido na educação infantil, bem como aos objetivos desta pesquisa. Sendo assim buscou-se na análise de dados observar a construção da aprendizagem significativa a qual interage com os conhecimentos prévios do individuo, ressignificando o novo conhecimento, o qual se torna mais rico e elaborado.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho ao discutir a Educação Infantil , depara-se com um público “crianças” na faixa etária de 4 á 6 anos, as quais são cuidadas por adultos. A pesquisa mostra que aproximadamente 97,1% são acompanhados em seu desenvolvimento pelo gênero feminino, onde se encaixa, mães, tias e cuidadoras. Apenas 2,9% são acompanhados pelos pais ou responsáveis do gênero masculino.

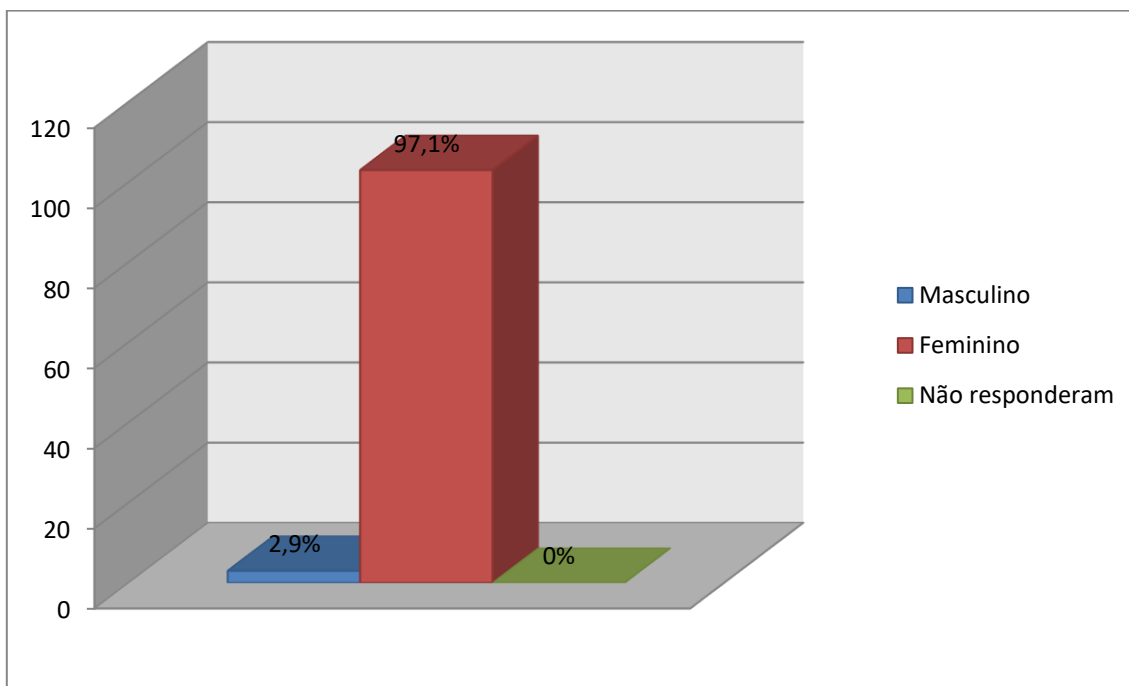


Figura 1. Distribuição da amostra, segundo Gênero. São Paulo, 2013.

Analisando a faixa etária da população pesquisada nota-se que há uma prevalência no número de jovens adultos, como pais ou responsáveis por essas crianças, (51%) se encontram na faixa etária dos 20 à 29 anos, acompanhado por (42,4%) na faixa etária dos 30 a 39 anos.

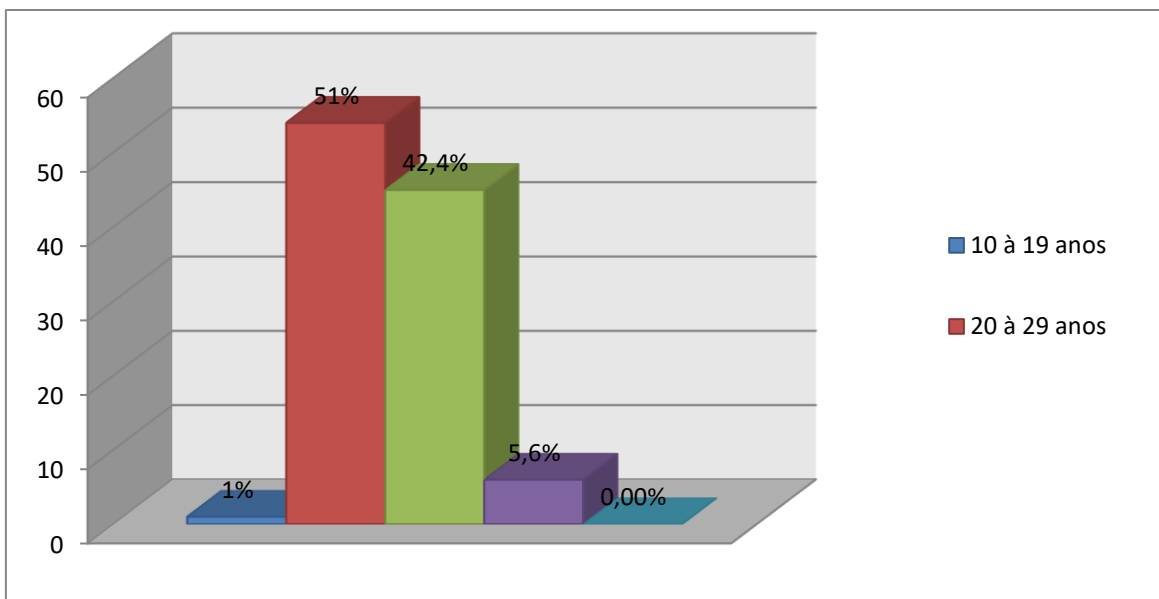


Figura 2. Distribuição da amostra, segundo faixa etária dos participantes, São Paulo. 2013

Ao analisarmos o período de iniciação da limpeza bucal em relação ao tempo de vida, evidenciamos que a população pesquisada, em sua grande maioria (60,5%) iniciou o processo de higienização bucal das crianças por volta de 1 a 2 anos de vida, período no qual há a erupção dos primeiros dentes decíduos. Embora esse período seja de extremamente importante à escovação, diversos autores citam a necessidade da limpeza da cavidade oral iniciar-se nos primeiros dias de vida.

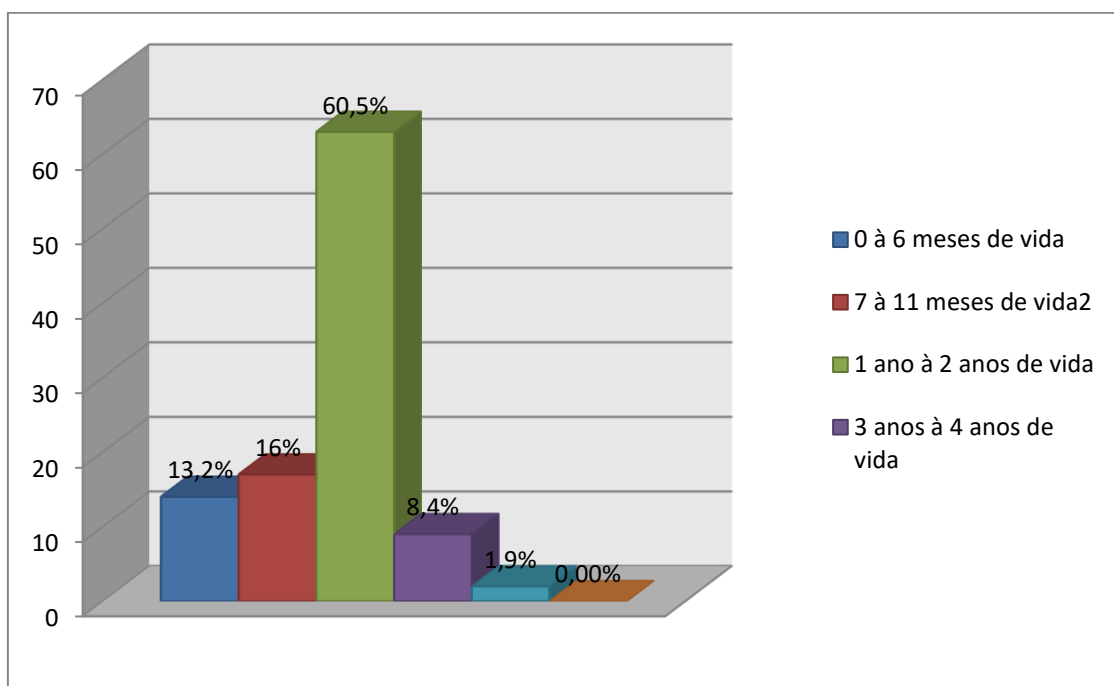


Figura 3 Distribuição da amostra, segundo faixa etária do início da escovação. São Paulo, 2013.

Desta forma evidenciamos a necessidade da orientação dos pais no processo de promoção da saúde bucal desde os primeiros dias de vida.

“Com o intuito de se obter a manutenção da saúde bucal e uma redução significativa das doenças bucais em crianças na primeira infância, Eduardo (1997); Castro et al. (2000); Rocha et al. (2004), afirmaram que um dos caminhos é a educação dos pais, que pode ser feita através de palestras ministradas para gestantes, uma vez que estas estão mais abertas e motivadas para receber e aprender informações novas. Porém, segundo esses autores, a transmissão de informações não consegue por si só modificar os padrões de comportamento e hábitos comumente existentes na população. No entanto, o entendimento acerca das diferentes realidades deve nortear toda e qualquer atividade educativa, buscando a partir daí, adequar às ações, com o objetivo de motivar os indivíduos a agir, respeitando suas particularidades”.(APUD IN OLIVEIRA, MOURA, OLIVEIRA, 2008)

A escovação diária é uma prática que contribuem significativamente para a redução da cárie dentária, sendo necessária à realização da mesma ao termino das principais refeições dos dias, sendo assim no mínimo três vezes ao dia, aproximadamente 41,5 da população estudada somente realiza a escovação 2 vezes ao dia, 14,1% somente uma vez ao dia e 1% não realiza a escovação, totalizando 56,6% do total da população, sou seja , mais da metade da população estudada não realiza a escovação como deveria ser, sendo este um indicativo para um aumento na atividade de cárie nesta população.

Garbin (2011) ao discorrer sobre cárie dentária aponta a necessidade de um trabalho de prevenção odontológica mais voltado aos pré escolares, uma vez que a maioria dos programas de saúde bucal tem direcionado quase a totalidade de seus recursos, aos escolares. Destaca que experiência com cárie em dentição decídua é um fator preditor da doença na dentição permanente³.

Partindo deste pré-suposto, reafirmamos a necessidade de um trabalho de educação de saúde voltada ao publico infantil.

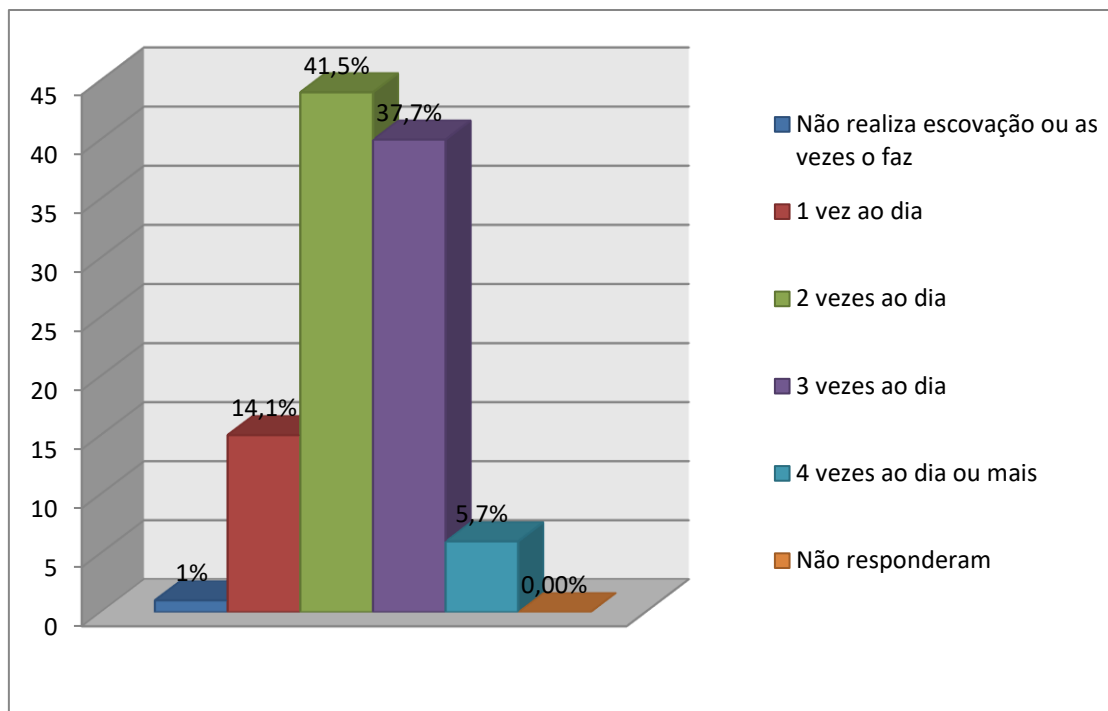


Figura 4 Distribuição da amostra, segundo número de escovações diárias realizadas pelas crianças, São Paulo, 2013.

A escovação supervisionada, também foi analisada no trabalho, 27,3% das crianças realizam a escovação sozinha segundo os relatos dos entrevistados, nesta fase da idade as crianças estão em processo do desenvolvimento de sua psicomotricidade, sendo necessário à participação dos pais na realização da escovação dentária.

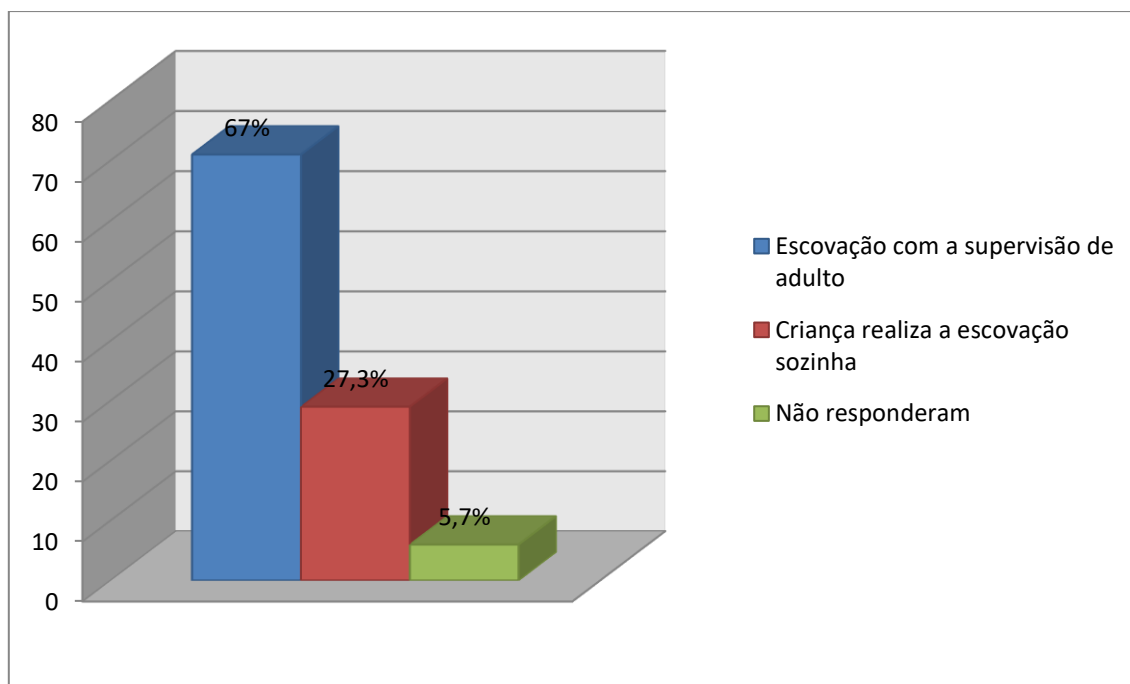


Figura 5 Distribuição da amostra, segundo escovação supervisionada por um adulto, São Paulo, 2013.

Saliba (1998), advoga em seu trabalho a necessidade de educar e motivar a população para a promoção da saúde bucal, apontando como uma das maiores dificuldades nesse processo a mudança de hábitos ou a modificação dos já adquiridos ao longo dos anos.

Figueira (2008), relata em seu trabalho que muitas das vezes a população entra em contato com um profissional dentista em um momento de emergência, não constituindo uma ação educativa ou preventiva, somente curativa. Desta forma esclarece que é necessário a incorporação dos pais como público-alvo em programas educativos, sendo este um novo espaço para a construção de conhecimentos em saúde bucal.

Embora evidenciemos a necessidade da participação dos pais na realização da escovação dentária, notamos que aproximadamente 92,4% da população pesquisada reconhecem a importância do processo de escovação como uma contribuição para o aprendizado da criança em relação ao cuidar de si.

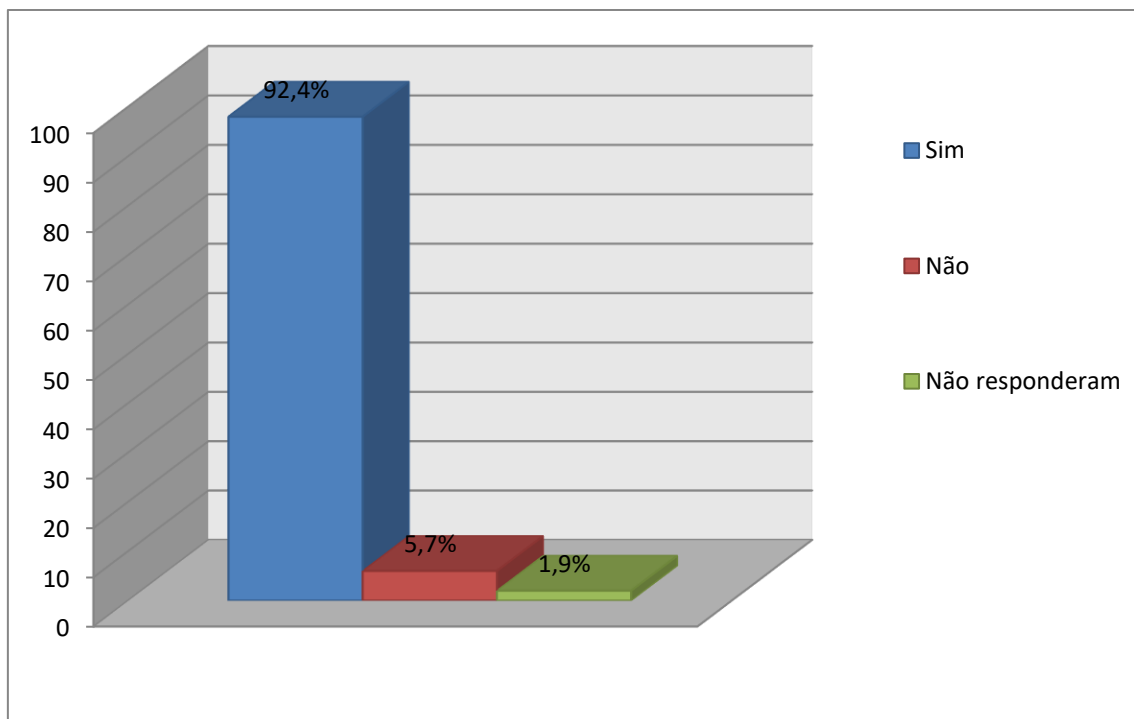


Figura 6. Distribuição da amostra, segundo consideração quanto à contribuição da escovação no autocuidado da criança., São Paulo 2013.

Ao analisarmos os hábitos deletérios das crianças, observamos que (31,2%) das crianças chupam o dedo ao dormir, (35%) tomam mamadeira ao dormir e (15,1%)

chupam chupeta. Nota-se que embora haja uma divulgação quanto aos males da maloclusões e aumento da atividade de carie causadas por esses hábitos, ainda há um número significativo desses hábitos em nossa população, o que nos remete a necessidade de um trabalho mais voltado para a orientação desses pais, uma vez que a família é imprescindível nesse processo.

Serra-Negra et al (2006), ao explicar sobre hábitos deletérios orais em seus trabalhos, afirma que eles podem desencadear más oclusões podendo alterar padrão respiratório, de deglutição e de fala. Na busca da eliminação desses hábitos torna-se importante a participação das famílias, sendo necessário o aconselhamento e a conscientização dessas crianças, para tal fim. Medidas punitivas ou ameaças contribuem negativamente convertendo o prazer em frustração, o que poderá afetar o comportamento da criança ao longo do seu processo de desenvolvimento e ate mesmo poderá fazer com que busque novos hábitos deletérios como meio de compensação. O hábito é automático e inconsciente, logo, uma ajuda deve ser fornecida à criança para que uma resposta consciente seja obtida. “O hábito é automático e inconsciente, logo, uma ajuda deve ser fornecida à criança para que uma resposta consciente seja obtida”.

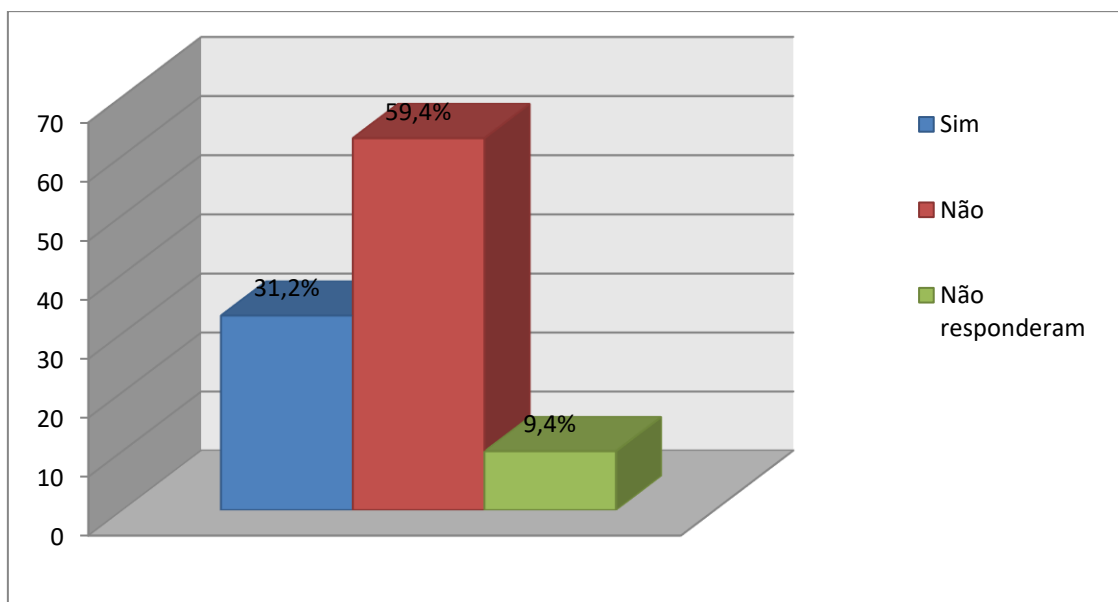


Figura 7 Distribuição da amostra, segundo crianças que chupam dedo ao dormir, São Paulo 2013.

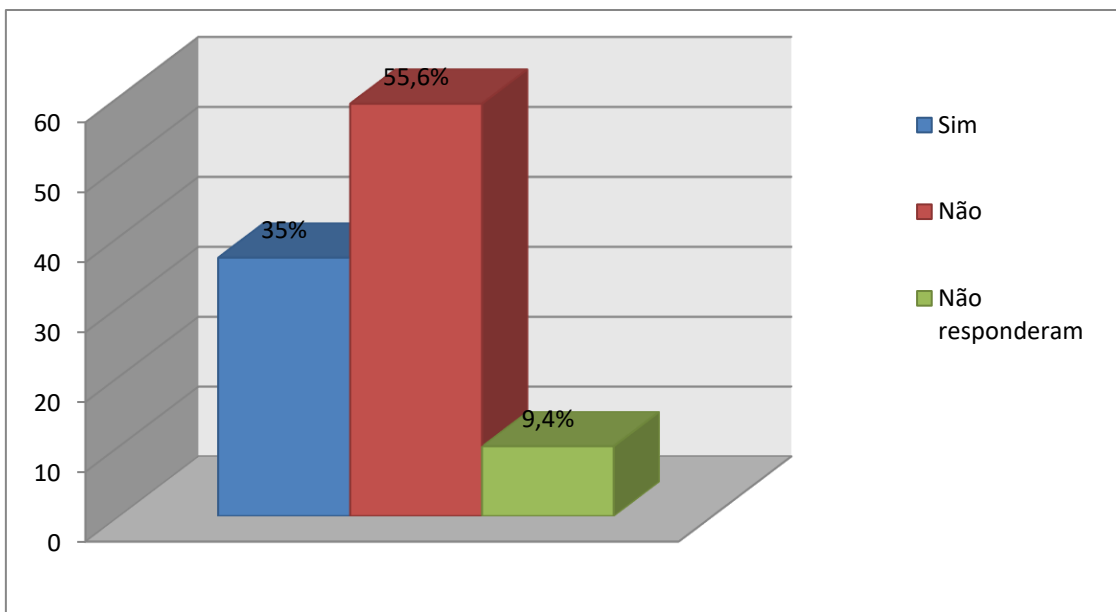


Figura 8 Distribuição da amostra, segundo crianças que fazem uso de mamadeira ao dormir, São Paulo 2013.

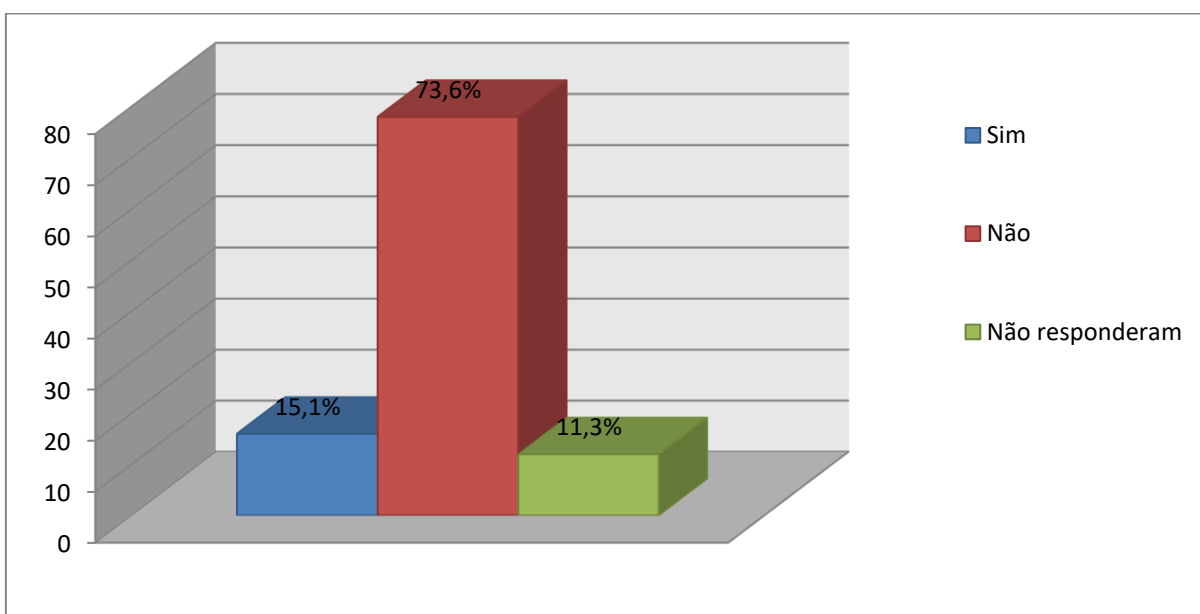


Figura 9 Distribuição da amostra, segundo crianças que fazem uso de chupeta ao dormir, São Paulo 2013.

A unidade escolar conta com uma programação de escovação diária, a qual é supervisionada pelos professores, quando questionados quanto ao conhecimento desta atividade no âmbito escolar, 12,3% referiram desconhecer tal atividade, o que demonstra um descompromisso por parte deste no processo ensino-aprendizagem ou até mesmo uma falta de diálogo junto aos professores.

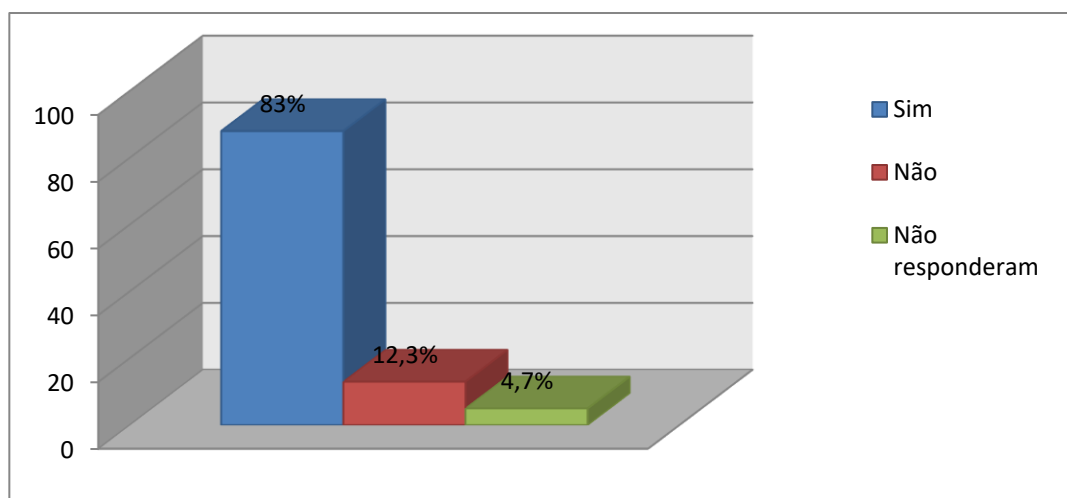


Figura 10 Distribuição da amostra, segundo conhecimento dos pais em relação à prática de escovação realizada na escola, São Paulo 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção trazida pelos pais ao tratar da doença cárie, não é uma das melhores, uma boa parte da população não vê a necessidade da participação do processo educativo ou quando assim o faz deixa a desejar, nota-se um necessidade de um trabalho voltado também para os pais e cuidadores, uma vez que muitos também possuem hábitos incorretos em relação à prevenção da carie dentária.

A ausência da comunidade na escola pública faz com que o trabalho se torne mais difícil. A participação dos pais e alunos dentro da escola, possibilita a identificação de problemas através da realização do apontamento, possibilitando também a busca de sugestões para a resolução deles.

Quanto menos educação possuem os pais das crianças maior a possibilidade de desenvolver cárie dentária, uma vez que não acreditam e nem mesmo conhecem o efeito destruidor ocasionado pela cárie, tanto em aspectos biológicos como biopsicossocial. Cabe ao professor, a partir dos conhecimentos prévios, buscar a construção de um conhecimento científico junto ao aluno, uma das formas possíveis para tal façanha é partir de uma situação problema na busca de uma solução. Desta forma a estrutura cognitiva preexistente desempenha papel preponderante na resolução deste problema, envolvendo uma readaptação do resíduo da experiência prévia frente às demandas da nova situação problemática.

“Várias ações podem ser executadas com o objetivo de prevenir a doença; dentre estas, destaca-se a remoção mecânica do biofilme dental através da escovação manual, por ser o método mais acessível para a maioria da população. A escova é um

instrumento de autocuidado simples, de baixo custo e de eficácia clínica incontestável para a prevenção da cárie dentária e da doença periodontal” (GARBIN, 2012).

Desta forma os conhecimentos aprendidos pela criança em seu ambiente familiar deve ser respeitado e valorizado, sendo este um ponto inicial do trabalho em sala de aula, atividades lúdicas (desenho, contação de histórias), demonstração de técnicas de escovação dentária, relacionar a importância de uma alimentação saudável nos hábitos diários devem ser utilizados como forma de prevenção da cárie .

A educação infantil isolada não é suficiente para garantir a saúde desejável à população, embora pode fornecer elementos, através do diálogo e reflexão, sendo um meio de capacitação de indivíduos possibilitando a busca da autonomia e conhecimento, propiciando escolha de condições mais saudáveis, sendo este um espaço de aprendizagem contínuo não só para os alunos, mas para toda a comunidade em seu entorno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUTRA, JS. (org.). **Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

GARBIN CAS, Chiba AJÍ, Garbin FY, Arcierl RM. **Prevalência de cárie dentária em pré-escolares de escolas de educação infantil de Araçatuba, São Paulo**. Rev Odontol de Araçatuba, 2011 28-32. Disponível em: <http://apcdaracatuba.com.br/revista/v322jd2011/5-.pdf> acesso em 24/04/2013.

GARBIN CAS, et al. **Saúde bucal e educação infantil: avaliação do desgaste e do acondicionamento de escovas dentárias utilizadas por pré-escolares** Rev Odontol UNESP_2012 Mar-Apr; 41(2): 81-7.

GUIMARÃES MS, ZUANON ACC, SPOLIDÓRIO DMP, BERNARDO WLC, CAMPOS, JADB, **Atividade de cárie na primeira infância fatalidade ou transmissibilidade?** Cienc Odontol Bras 2004 out./dez.;7(4):45-51 Disponível em: <http://ojs.fosjc.unesp.br/index.php/cob/article/view/216> acessado em 5/05/2013.

FEITOSA S, COLARES V. **As repercussões da cárie precoce na infância na qualidade de vida de pré-escolares**. Rev Ibero-Am Odontopediatr Odontol Bebê 2003;6(34):542-8. Disponível em: http://ojs.1000grad.com/index.php/PediatricDentistry_jbp/article/viewFile/505/472 acessado em 05/05/2013

FRIAS AC, ANTUNES JLF, JUNQUEIRA SR, NARVAI PC. **Determinantes individuais e contextuais da prevalência de cárie dentária não tratada no Brasil**. Ver Panam Salu Pública. 2007;(22)4:279-85. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v22n4/08.pdf> acesso em 18/04/2013.

FERREIRA CP, e col Jarrouge MG, MANTINS NF e Raphael Jr A. **Bioquímica Bucal (Ênfase em Cárie. Cariologia)** 1 ed. 2000.

FIGUEIRA Taís Rocha, LEITE Isabel Cristina Gonçalves; **Conhecimentos e práticas de pais quanto à saúde bucal e suas influências sobre os cuidados dispensados aos filhos** Pesq Bras Odontoped Clin Integr, João Pessoa, 8(1):87-92, jan./abr. 2008

FOULIN JN, MOUCHON S. **Psicologia da Educação**; trad. Vanise Drush – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LOPES MC, SILVA PR, BIAZEVIC MGH, REBELO MAB, CROSATO EM. **Necessidades de Tratamento Decorrentes da Cárie Dentária em Estudantes de 15 a 19 anos de Idade em Manaus-AM, Brasil e fatores associados.** Pesq Bras Odontopediatria 83-8. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/pboci/article/viewFile/1158/795>> acesso em 27/04/2013.

NARVAI PC, Frazão P, RONCALLI AG, ANTUNES JLF. **Cárie dentária no Brasil: declínio, polarização, iniquidade e exclusão social.** Rev Panam Salud Publica. 2006;19(6):385-93

OLIVEIRA, DFS, Moura HG, OLIVEIRA AJ. **Higiene Bucal de Bebês de 0 à 6 meses,** Rev Científica ITPAC 2008, v1 n1 julho. Disponível em: <http://www.itpac.br/hotsite/revista/artigos/11/6.pdf> Acessado em 15/09/2013

SÃO PAULO (SP) Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Tempos e espaços para infância e suas linguagens no CEIs, Creches e EMEIs da Cidade de São Paulo** - São Paulo : SME/ DOT 2006, 96p.: acesso em 27/04/2013.

Sant'anna GR de, Bonecker MJS, DUARTE DA, SUGA SS. **Caderno de Odontopediatria, Cariologia Diagnóstico, Controle e Tratamento.** 1ª Ed. Editora Santos, 2001.

Saliba CA, Saliba NA, ALMEIDA AL, FREIRE M, MOIMAZ SAS, **Estudo comparativo entre a eficácia da escovação orientada e supervisionada e a profilaxia profissional no controle da placa bacteriana dentária** Rev. Odontol. UNESP, São Paulo, 27(1): 185-192, 1998

SERRA-NEGRA JMC, VILELA LC, ROSA AR, ANDRADE ELSP, Paiva SM, Pordeus IA. **Hábitos bucais deletérios: os filhos imitam as mães na adoção destes hábitos?** Revista Odonto Ciência – Fac. Odonto/PUCRS, v. 21, n. 52, abr./jun. 2006

WAJSKOP GO. **Brincar na Educação Infantil.** Cad. Pesq. São Paulo 62-9. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n92/n92a06.pdf> acesso em 24/04/2013.

VIEIRA LV. **Obrigatoriedade escolar na educação infantil.** Rev Retratos da Escola 245-62. Disponível em: <http://www.esforce.org.br> acesso em 24/04/2013.

9. ANEXOS

O Sr. (a) esta recebendo um questionário o qual faz parte de um instrumento de pesquisa sobre a participação do responsável na higienização bucal de seu filho.

1) Qual a sua idade

() 10 a 19 anos

() 20 a 29 anos

() 30 a 39 anos

- 40 a 49 anos
- 2) Qual o seu nível de escolaridade
- nunca estudou
- ensino Fundamental I (primário)
- ensino Fundamental II (ginásio/primeiro grau)
- ensino Médio (colégio/segundo grau)
- ensino Superior ou mais
- 3) Qual o seu sexo
- feminino masculino
- 4) Com quantos anos iniciou a higienização bucal ou escovação de seu filho
- 0 à 6 meses de vida
- 7 à 11 meses de vida
- 1 ano à 2 anos de vida
- 3 anos à 4 anos de vida
- 5 anos à 6 anos de vida
- 5) Quantas vezes a criança realiza a escovação dentária em casa
- não realiza escovação em casa ou às vezes o faz
- 1 vez ao dia
- 2 vezes ao dia
- 3 vezes ao dia
- 4 ou mais vezes ao dia
- 6) A escovação dentária é realizada;
- com a supervisão de um adulto
- a criança realiza a escovação sozinha
- 7) Você acha que a escovação dentária na escola contribui para o aprendizado da criança no auto cuidado.
- sim não
- 8) Quantas vezes você escova os seus dentes
- não escovo os dentes todos os dias
- 1 vez ao dia
- 2 vezes ao dia
- 3 vezes ao dia
- 4 ou mais vezes ao dia
- 9) Seu filho (a)
- Chupa o dedo ao dormir sim não
- Chupa chupeta ao dormir sim não

Toma mamadeira ao dormir () sim () não escova os dentes depois () sim () não

10) Na escola de seu filho é realizado a escovação dentária () sim () não

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr/Sr^a

6.1.1.1.1 Convido o Sr. (a) para participar como voluntário (a), na pesquisa que tem o título de **“Prevenção da cárie dentária e participação dos pais”**, e tem como objetivo identificar a participação dos pais no processo educacional, promoção da prevenção da carie dentária. No caso de aceitar fazer parte da mesma, o Sr. (a) responderá a um questionário contendo 9 questões sobre o tema carie dentária.

6.1.1.1.2 A sua opinião será importante para contribuir com esta pesquisa a qual , servirá como base para ações de prevenção da carie dentária dentro do ambiente escolar.

A presente pesquisa não trará nenhum risco a sua saúde ou a sua liberdade de expressão .

O Sr. (a) terá liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento que desejar, mesmo depois de ter assinado este documento, e não será, por isso, penalizado de nenhuma forma. Caso desista, basta avisar ao (s) pesquisadores (s) e este termo de consentimento será devolvido, bem como todas as informações dadas pelo Sr. (a) serão destruídas.

Informo que o resultado deste estudo poderá servir apenas como dados para desenvolvimento de ações de promoção da prevenção da cárie dentária dentro do ambiente escolar, no intuito de envolver pais, educadores e educandos nesse processo.

Como responsável por este estudo comprometo-me em manter sigilo de todos os seus dados pessoais.

Eu, _____, RG _____, aceito participar das atividades da pesquisa: **“Prevenção da cárie dentária no participação dos pais”**. Fui devidamente informado que participarei de uma pesquisa, através do preenchimento de um questionário com 9 questões de múltipla escolha, onde não consta identificação do participante. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer

penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não relacionados à pesquisa serão tratados confidencialmente.



A CONGADA DE POÇO FUNDO E SEU CONTEXTO

THE CONGADA OF POÇO FUNDO AND YOUR CONTEXT

Gabriel Henrique dos Santos Laudino¹

RESUMO

Este artigo aborda uma manifestação de caráter folclórico afro-brasileiro, a Congada. Visa demonstrar como através das práticas folclóricas é possível que os aspectos musicais, psicomotores e socializadores sejam abordados de forma lúdica, este tipo de educação aqui focada desenvolve-se de forma natural, sendo uma manifestação folclórica musical que valoriza as tradições brasileiras. O texto apresenta o contexto histórico das Congadas, análise de sua prática nos dias de hoje e a importância destas manifestações no processo de formação ampla do indivíduo. São abordados aspectos da relação entre a cidade de Poço Fundo e a Congada denominada Terno de São Benedito, como a cidade e seus habitantes se relacionam com as práticas da Congada.

Palavras-chave: Música; Congada; Poço Fundo.

ABSTRACT

This article addresses a manifestation of an Afro-Brazilian folk character, Congada. Since it demonstrates how to practice folkloric practices, it is possible that musical, psychomotor and socializing aspects are examined in a playful way, this type of education here is focused on developing a natural form, being a musical musical manifestation that values Brazilian traditions. The text presents the historical context of the Congadas, analysis of their practice today and the importance of these manifestations in the process of broad formation of the individual. Aspects of the relationship between the city of Poço Fundo and the entrance called Terno de São Benedito are discussed, as a city and its inhabitants related to Congada practices.

KEYWORDS: Music; Congada; Poço Fundo.

INTRODUÇÃO

¹ Licenciado em Educação Artística (FAMOSP) e em Pedagogia (UNIMES). Professor da Rede Municipal de Educação de São Paulo. Email: glaudino@hotmail.com



Este estudo tem como objetivo apresentar uma das práticas sociais negras desenvolvidas em terras brasileiras desde os tempos da escravidão, visível em várias partes do país, mas, de modo especial no estado de Minas Gerais, onde se situa Poço fundo, cidade berço do Terno de Congada de São Benedito, cujo qual é o nosso objeto de estudo. Diversos estudos já foram desenvolvidos sobre ternos de congada de São Benedito, de Santa Ifigênia e de Nossa Senhora do Rosário, de diversas cidades brasileiras, inúmeros pesquisadores já se debruçaram em estudos etnológicos e musicológicos relacionados a esta manifestação e as demais presentes na cultura afro-brasileira. Porém, este trabalho justifica-se ao ponto que a cultura e o folclore, formados pelo povo são, assim como a sociedade, também transformados através dos tempos.

Este relato busca distanciar-se do campo exótico ou caricato tomado pelo senso comum, que em geral vai ao sentido contrário ao rico legado de experiências históricas desses homens e mulheres negras, bisnetos e tataranetos da escravidão. Atualmente são raras as oportunidades que, principalmente jovens, tem de participar de qualquer tipo de ação musical coletiva, impossível não observar as práticas do ensino musical fora do ambiente escolar que surtem efeitos válidos para o desenvolvimento musical, social e cultural do ser como um todo, principalmente em atividades como manifestações folclóricas.

Em variadas situações a prática musical pode ocorrer, inclusive naquelas que são consideradas manifestações folclóricas ou tradicionais, através dos tempos tais manifestações sempre atingiram e encantaram músicos e estudiosos. Inúmeros aspectos musicais de tais culturas tradicionais foram exploradas por pesquisadores e músicos, estes se apropriaram entre compilações, transcrições e composições utilizando-se de elementos rítmicos e melódicos característicos de músicas folclóricas. Essas informações apenas corroboram para as afirmações aqui buscadas, e nos demonstra como continua vivo o interesse acadêmico por manifestações folclóricas, pensamentos estes que corroboram com a perspectiva da Antropologia Musical.²

²A Antropologia Musical “(...) desenvolveu-se, inicialmente, como subárea da musicologia, passando por diversas designações, como musicologia comparativa (*vergleichende Musikwissenschaft*), pesquisa musical etnológica (*ethnologische Musikforschung*; Marius Schneider 1937), folclore e etnologia musical

Este artigo se inicia com a conceituação do termo Folclore, como a Congada atua dentro desse eixo da cultura popular brasileira, o contexto de surgimento dessas práticas ligadas a Congada, seu desenvolvimento coreográfico e as quais culturas a influenciou. Descrevendo um pequeno histórico da cultura afrodescendente, especificando as análises e comentários sobre essa manifestação cultural e ao longo do texto é apresentada a Congada de São Benedito, que atua na cidade de Poço Fundo, na região sul do estado de Minas Gerais. Analisando os trabalhos desempenhados pelos diversos participantes, o processo de desenvolvimento e atuação do terno na cidade, evoluções e características sonoras são apresentadas. Demonstrando a importância da Congada enquanto instituição não formal de ensino musical.

1. FOLCLORE

Antes de ser utilizado o termo *folklore* já havia historiadores, literatos, músicos eruditos, arqueólogos, antropólogos, antiquaristas, linguistas, sociólogos e diversos outros especialistas somados a alguns curiosos que estudavam os costumes e as tradições populares, (BRANDÃO, 1984). A palavra folclore foi utilizada pela primeira vez por William John Thomas em 22 de agosto de 1846, visando definir os costumes, contos, cantos e narrativas dos antigos³. A palavra é proveniente da junção de outros dois termos Anglo-saxões: Folk (povo) e Lore (saber). Este termo foi publicado na revista *The Atheneum*, em Londres, sendo traduzido de Folklore para Folclore em países latinos e no Brasil.

Em 1878 um grupo de ingleses fundou a Sociedade de Folclore e consideravam que folclore seria apenas:

—As *narrativas tradicionais*, como os contos populares, os mitos, lendas e estórias de adultos ou de crianças, as baladas, “romances” e canções;

—Os *costumes tradicionais* preservados e transmitidos oralmente de uma geração à outra, os códigos sociais de orientação da conduta, as celebrações cerimoniais populares;

(*musikalische Völkerkunde*; Fritz Bose 1952), antropologia musical, (*ethnographie musicale*) ou "música dos povos estrangeiros" (*Musik der Fremdkulturen*; cf. Curt Sachs (1959)). Por volta de 1950 o musicólogo holandês Jaap Kunst introduziu o termo *ethno-musicology*. A partir de 1956 esta designação da disciplina consagrou-se internacionalmente com a fundação da Society for Ethnomusicology nos EUA.” (PINTO, 2001, p. 2).

³ Ver mais em *O que é folclore* de Carlos Rodrigues Brandão.

—Os *sistemas populares de crenças e superstições* ligados à vida e ao trabalho, englobando, por exemplo, o saber da tecnologia rústica, da magia e feitiçaria, das chamadas ciências populares;

—Os *sistemas e formas populares de linguagem*, seus dialetos, ditos e frases feitas, seus refrões e adivinhas (BRANDÃO, 1984, p. 28).

Têm-se como produção folclórica aquelas de autoria anônima e coletivizada, ou seja, de domínio público.

Ao longo do tempo as possibilidades para a compreensão de folclore são discutidas, até os dias de hoje, vem atualizando-se o termo, como é a própria cultura popular, dinâmica, já que é formada pelo povo e o povo cria e recria suas formas de manifestações e costumes ao longo dos anos (BRANDÃO, 1984).

Podemos definir de forma mais clara de como se dá a transmissão do folclore e o que caracteriza o folclore ao observar as afirmações de Brandão, quando descreve a transmissão do folclore como de pessoa para pessoa, de geração em geração, de sociedade para sociedade, através dos meios mais populares como oralmente ou por imitação, não havendo organização de ensino e aprendizagem (BRANDÃO apud SILVA, 2008).

A continuidade da prática e nas tradições presentes no interior do Brasil é o que fomenta, enriquece, desenvolve e faz com que a cultura e o folclore sejam ainda manifestados e praticados com encantamento.

O folclore brasileiro tem uma vasta quantidade de expressões, como danças, cantos e músicas, visto que por várias vezes em comemorações folclóricas explore-se apenas a quadrilha no período de Festa Junina e o Dia do Folclore como temática para o estudo do folclore. Isso basta? Ou então a “intercionalização” e a pura comercialização do folclore através das festas de Halloween, por exemplo. Não é necessário um maior aprofundamento nos conceitos do folclore de nosso país?

Aqui será tomada como objeto de análise a manifestação folclórica denominada Congada, dança dramática que originou, aproximadamente, outras trinta manifestações, danças e encenações do mesmo gênero (ABUD; GLEZER, 2004).

A Congada apresenta-se com encenações de teatro de rua, apresentações musicais com temáticas religiosas e luta de negros contra os brancos (ABUD; GLEZER, 2004). O Fandango, Jongo, Cururu, Folguedos, Bumba-meu-boi, entre tantas outras ações coletivas

musicais presentes em nosso país, aqui em específico a Congada, tem como meio de socialização duas vertentes das artes: expressão corporal e música. A Congada é basicamente desenvolvida em passos coreografados e a cada momento da evolução da apresentação mostra-se uma coreografia ou sequência de coreografias específica para aquela situação. Entre elas podemos citar:

01 - Marcha - ritmo utilizado para deixar os congadeiros descansarem depois de terem dançado freneticamente.

02 - Rojão - é a percussão da energia, faz os dançadores evoluírem através de movimentos alucinantes.

03 - Coração de Jesus - o terno de congo tem duas filas. A do lado direito retoma para a direita e conduz sua coluna até encontrar-se com seu último componente. O mesmo procedimento é realizado pela fila oposta. No final tem-se o formato de um coração (BRASILEIRO, 2001, p.83).

Brasileiro (2001) descreve algumas das coreografias e evoluções que ocorrem em diversas Congadas do Estado de Minas Gerais, lembrando que a regionalidade influencia diretamente nos desenvolvimentos coreográficos, logo, as Congadas de diferentes regiões possuem diferentes passos e com nomenclaturas variadas.

Os fundamentos dessa manifestação folclórica foram desenvolvidos no Brasil por escravos trazidos de diversas regiões da África, dos povos Bantu e Sudanês. Os povos provenientes principalmente de Angola e Congo foram traficados para o Brasil Colônia para suprir a necessidade do mercado escravo brasileiro (LAUDINO, 1998).

Gomes e Lima (2009) citam de forma clara sobre o processo de formação da cultura brasileira:

Esse processo foi determinado pelo tipo de construção da nossa população, que recebeu gente de diversos locais, os portugueses que já traziam características mestiças dos mouros, celtas, judeus e entre outros, além destes, ocuparam nosso território de forma mais moderada outros europeus, como holandeses e espanhóis; os negros que aqui chegaram eram de diversos grupos étnicos; somam-se a estes os vários grupos indígenas que aqui se encontravam, estes tinham costumes, línguas diferentes (GOMES; LIMA, 2009, p.8).

Ao desaportar no Brasil essa cultura recém-chegada foi influenciada e influenciou os outros povos e culturas que por aqui também se instalaram, como europeus, portugueses, espanhóis e os próprios índios nativos. As diversas expressões e costumes provenientes da África modificaram-se principalmente adquirindo caráter religioso, mantido até hoje com grande predominância da religião católica até nas nomenclaturas e rituais realizados durante as festividades, incluindo missas, devoções aos santos católicos entre outras. Com relação à temporalidade da presença de Congadas e outros folguedos no Brasil, Brandão afirma que:

(...) diferentes rituais que envolvem ternos de guerreiros congos e moçambiques existem no Brasil há muito tempo, e as primeiras cerimônias a que estão ligados foram registradas por viajantes estrangeiros há cerca de 300 anos (BRANDÃO, 1984, p. 50)

Mesclando-se com a cultura indígena e européia como um todo e originando as tradições, ritos e manifestações brasileiras, a Congada enraizou-se em diversas cidades de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Bahia, apenas para citar alguns estados que abrigam ternos de Congada até hoje.

Brasileiro (2001) em seu livro *As Congadas de Minas Gerais* descreve as atividades de Marujadas, Ternos de Congos, Ternos de Marinheiros, Moçambiques, Catupé e Cateretê, situadas principalmente na região distrital de Uberlândia, Minas Gerais. Laudino (1997) também descreve as nomenclaturas destinadas as Congadas em várias regiões do Brasil.

A “CONGADA” é encontrada com nomenclaturas diferentes, variando de acordo com a região, vejamos: Alardo, Ticumbi ou Baile de Congos no Espírito Santo ; Calumbi , Cacumbi, Côrte de Mouros, Congo do Mouro, Baile de Congos, no interior Baiano; Congada, Congado ou Congo em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, São Paulo; Congada no Paraná e Rio Grande do Sul onde é também conhecido por Quicumbi. (LAUDINO, 1998, p.13)

Também no que se refere a instrumentação e vestimentas utilizadas pelos participantes dessas manifestações são plurais, variando de acordo com as regiões diferentes do Brasil. Em geral se assemelham em diversos outros pontos como temáticas das canções e coreografias.

A estrutura básica de um ritual de negros — moçambiques, congos, marujos — é a mesma. Mas, ao longo dos anos e no esparramado dos lugares onde ele foi sendo recriado, as diferenças do processo ritual foram estabelecidas. Uma mesma velha cidade mineira não possui dois ternos iguais (BRANDÃO, 1984, p. 38).

Isso também se aplica ao referido Terno de Congo da cidade de Poço Fundo, terno este tem suas próprias características, tanto visual quanto instrumental/rítmica.

2. A Congada de Poço Fundo

Para melhor analisar a Congada da cidade de Poço Fundo foram realizadas visitas e registros dos encontros realizados por esta Congada, todas no ano de 2010. Em especial as comemorações de treze de maio, data da assinatura da abolição da escravatura pela Princesa Isabel e as comemorações da Festa de São Benedito, celebrada no mês de julho.

Na primeira, os participantes se reúnem no início da madrugada e saem em peregrinação pela cidade, a fim de festejar a abolição da escravatura.

A data de treze de maio é de extrema importância para a comunidade negra e sempre lembrada nas cantigas, como descreve a canção executada por Nêgo da Tiana, cantador de Catupés e Moçambique na cidade de Rio Paranaíba:

Ehhhhhhhhhhhhhhhh!
O dia treze de maio
É motivo de pensar
Foi vitória do escravo
Que lutou até morrer.
De Zumbi a Chico Rei
Muito sangue derramou,ai,ai,ai..

Ehhhhhhhhhhhhhhhh!
A Princesa Isabel
Acabou com a escravidão
Só que a liberdade dela
Mandou nós foi pra favela,ai,ai,ai (BRASILEIRO, 2001, p. 102)

A outra data utilizada para a realização da pesquisa foi a época das festividades do mês de julho, no qual se celebram e honram as divindades congas, reis e rainhas congas. Nesta época do ano a cidade está em festa em louvor a São Benedito e realizam-se procissões e louvores ao Santo patrono deste Terno de Congada.

Para que fosse feita uma análise mais aprofundada sobre a Congada desta cidade foi realizada uma roda de conversa com dois dos mais antigos participantes da mesma, a fim de explorar quais as metodologias, mesmo que espontâneas, aplicadas no processo de transmissão e aprendizado oral das canções e melodias.

A cidade de Poço Fundo fica localizada na região sul do estado de Minas Gerais, um dos maiores estados do Brasil e possivelmente o estado com maior número de manifestações folclóricas, como Congadas. Na cidade já existiram três ternos de Congo: o de São Benedito, o de Santa Efigênia e o de Nossa Senhora do Rosário. Porém, hoje em atividade existe apenas o de São Benedito, cujo seu capitão é Rovilson José Laudino e seu contramestre Luis Antonio Delmiro. A cidade conta com mais de 16.791 mil habitantes, (IBGE), dos quais aproximadamente sessenta, participam do terno de Congo, majoritariamente negros e moradores do bairro do Canto, (um dos bairros mais antigos e

pobres da cidade). As manifestações ocorrem no terreiro⁴, mas precisamente próximo do cruzamento das ruas Coronel José Dias e Ozório Grilo.

Esse terreiro é o local onde os congadeiros se reúnem para iniciar seus trabalhos do dia e para encerrá-los. Antes de sair pela cidade, eles se encontram e abrem os trabalhos cantando, cumprindo sua missão.

São realizadas visitas nas casas de colaboradores ou apenas pessoas que se debruçam nas janelas para ver o terno passar são surpreendidas por cantigas improvisadas pelo contramestre Luís Antônio, o qual com habilidade adquirida através dos anos de experiência formula versos agradecendo e bendizendo essas pessoas. Em inúmeros momentos durante as procissões pela cidade são feitos pedidos ao Terno para que sejam cantadas canções populares antigas ou até mesmo em evidência na mídia atual.

No momento de finalização dos trabalhos do dia, após terem realizado procissão por grande parte da cidade de Poço Fundo, retornam ao mesmo terreiro e cantam cantigas agradecendo a proteção oferecida no dia e em geral fazem algumas rezas e orações antes de cada participante guardar seu respectivo instrumento no local destinado.

Dois pontos podem ser destacados neste momento. O primeiro é o compromisso de organização exigido de cada participante, adulto ou criança, tendo que retirar seu instrumento para ser utilizado naquele dia e ter a obrigação de guardá-lo no mesmo local e da mesma maneira. O segundo é o senso de comunidade visto antes e após cada dia de atividades do terno. É notável a quantidade de pessoas que se encontram e se confraternizam ali mesmo no terreiro e nas proximidades da região.

Sobre o Terno de São Benedito, a mais de cem anos no sul mineiro, pode-se afirmar que cumpre seu papel de instituição informal que se preocupa com a divulgação e o fomento do folclore brasileiro e o ensino informal de música, persistindo na prática da Congada.

Durante as festividades do mês de maio, o Terno a convite da direção do Colégio de Ensino Infantil Carlito Ferreira tocou para os educandos presentes na instituição naquele dia, demonstrando assim o interesse e a preocupação de ambas as partes no desenvolvimento e fomento do folclore.

⁴ Os participantes da Congada de São Benedito utilizam-se de um terreno pertencente ao seu antigo Capitão Morbagian José Laudino, falecido no ano de 2009.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, na festa de São Benedito, ocorrida no último final de semana de julho, ternos de Congada e pessoas de outras cidades vão até lá para prestigiar a manifestação, por diversas vezes até mesmo pesquisadores e jornalistas da região estão presentes. A relação da cidade com a Congada se dá através da população, sabendo que se trata de uma festa religiosa, a população em geral se sente desestimulada a prestigiar a festa. Quanto aos participantes do terno, percebe-se que se sentem orgulhosas de serem componentes de uma manifestação tão relevante e com uma história tão importante, como eles próprios denominam de cumprir a missão. Na maioria das vezes, não compreendendo toda a representatividade e importância no cenário nacional e de resistência e enfrentamento das desigualdades sociais, fato ao qual as manifestações folclóricas de origem africana e a comunidade negra enfrenta diariamente. Sem se quer pensar no que os levou a serem congadeiros e congadeiras, na maior parte das vezes, foi a tradição e a necessidade de valorizar e preservar a cultura de seus antepassados.

Diante disso, é de elevada importância a renovação e ingresso de novos integrantes nos ternos, e torna-se necessário compreender a preocupação quando os jovens se distanciam da tradição. Gerando tensões nas famílias do capitão e do cantra-mestre.

Porém, o esvaziamento do terno não se observa, neste caso em específico, pois gradativamente, de modo geral, a população de cidades do interior se converte às inúmeras igrejas pentecostais que surgem a cada dia.

Para os pesquisadores é infinita a fonte de riquezas culturais presentes em manifestações como as Congadas, porém, se esforços não forem realizados a fim de registrar, documentar e arrolar todas essas pluralidades presentes em nossas tradições tudo será desmerecido e enfraquecido. Os objetivos momentâneos deste trabalho foram alcançados, visto os registros e as relações aqui traçadas com a realidade e dificuldade encontrada pelos participantes do Terno de Congada de São Benedito para que ele continua transmitindo sua mensagem através de seus cantos e suas danças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Ed. Itatiaia. 1989.
- BASTIAN, Hans Günther. **Música na Escola: A contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984, 4ª Ed.
- BRASIL, **Cidades e estados - Poço Fundo**. <https://www.ibgw.gov.br/cidades-e-estudos/pocofundo>. acessado em 31/03/2020.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.
- ENTREVISTADO 1; ENTREVISTADO 2. **Entrevista cedida à Gabriel Henrique Laudino**, Poço Fundo, em 15 de maio de 2010. (a identidade dos entrevistados foi omitida visando preservar a identidade dos mesmos).
- LAUDINO, Rovilson José. **A Congada: Cultura e Folclore**, Dissertação do Curso de História da Faculdade Cruzeiro do Sul, 1998.
- SCHAFFER, M. **O ouvido Pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**, 4ª Ed., São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.



**A INFLUÊNCIA DA AUTOESTIMA NA MINIMIZAÇÃO DAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Ana Alice Nogueira do Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a importância da autoestima no desenvolvimento sócio-afetivo e cognitivo na minimização das dificuldades de aprendizagem da Matemática de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Especificamente procurou-se saber a influência dos aspectos afetivos no desempenho escolar em matemática desses alunos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que permitiu inferir que a maioria das escolas desconsidera a relevância do conteúdo sócio-afetivo dos alunos como recurso motivacional indispensável para a construção do conhecimento significativo, cujas consequências em desprezá-lo tem se evidenciado no número crescente de fracasso escolar. As crianças possuem cada vez mais condicionamentos sociais que influenciam o seu tipo de aprendizagem e podem, por vezes, causar desequilíbrios emocionais que geram crianças desadaptadas, incapazes de comunicar normalmente e geram problemas de integração escolar. Os professores precisam auxiliar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades emocionais. É indiscutível a relação criada entre a educação e a autoestima, sendo essa um componente primordial que precisará fazer parte de qualquer processo de educação.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima, Dificuldades de Aprendizagem, Matemática.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of self-esteem in the socio-affective and cognitive development in minimizing the difficulties of learning Mathematics of students in the initial grades of Elementary School. Specifically we sought to know the influence of the affective aspects in the academic performance in mathematics of these students. For this, a bibliographical research was carried out, which allowed to infer that most of the schools disregard the relevance of the students' socio-affective content as an indispensable motivational resource for the construction of meaningful knowledge, whose consequences in disregarding it have been evidenced in the growing number of school failure. Children increasingly have social conditions that influence their type of learning and can sometimes cause emotional imbalances that generate children who are maladaptive, unable to communicate normally and generate problems of school integration. Teachers need to help students overcome their emotional difficulties. The

¹ Pós-Graduanda em Docência do Ensino Superior pelo IEDEP EDUCACIONAL. Pós-Graduada em Matemática na modalidade aberta e a distância pela Universidade Federal de São João Del-Rei/UFSJ e Sistema Universidade Aberta do Brasil/UAB. Licenciada em Matemática na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Professora da Rede Municipal e Privada no Ensino Fundamental II, Médio e EJA. E-mail: ana_alicenascimento@yahoo.com.br

relationship created between education and self-esteem is undeniable, a key component that must be part of any education process.

Keywords: Self-esteem, Learning difficulties, Mathematics.

INTRODUÇÃO

A competência matemática é primordial a todos os indivíduos na interpretação de uma grande variedade de situações e na resolução de inúmeros tipos de problemas encontrados no cotidiano. Isso acarreta no fato de que todas as crianças e jovens precisam desenvolver a sua capacidade de fazer uso da matemática para examinar e solucionar situações problemáticas, para refletir e comunicar, do mesmo modo que desenvolver a autoconfiança suficiente para realizá-lo. Dificilmente há aprendizagem sem que esta esteja integrada em afetos. A parte emocional é definitiva na área da aprendizagem, visto que influencia a motivação e a personalidade do indivíduo.

Segundo Sintra (2019), a Autoconfiança cresce com a Autoestima da criança, que vai sendo construída ao longo da vida e que vai sendo afetada pelo desenvolvimento e edificada tendo por base as informações provenientes da família, escola e sociedade em geral. É extremamente importante perceber o papel dos educadores nessa área da educação, pois, exercerá influência direta na forma como a criança se percebe, como realiza as aprendizagens e a sua visão do mundo em geral.

Assim, as crianças não sofrem apenas influências dos pais, mas também dos professores e do sistema de ensino. E isso se repercute no rendimento escolar. Afinal qual o problema das crianças com a matemática? Como compreender melhor os processos de aprendizagem? As respostas resultaram de várias investigações e parecem remeter ao autoconceito infantil e rendimento na matemática (CASTRO, 2019).

Mas, o que é o autoconceito? De acordo com Castro (2019, p. 4), são diferentes dinâmicas de pensar o “eu” e se refere ao aspecto cognitivo. Existe ainda a autoimagem, que diz respeito ao campo do perceptivo, e a autoestima, que pertence ao campo afetivo. “Se não te vês a ti mesmo, é claro que não te podes valorizar”, esclarece o autor relacionando a autoestima com o autoconceito. Afirma ainda que o autoconceito não é natural, inato, é aprendido. “É modelado e remodelado através de experiências (...), sobretudo em relação com pessoas significativas para a criança” (p. 4).

Castro defende que é preciso manter a flexibilidade no autoconceito da criança. Os extremos podem ser prejudiciais, tanto o da “mãe-galinha”, que é super protetora, como o estilo do ‘deixa fazer’, resultando em adolescentes violentos.

O autoconceito é muito relevante e traz repercussões no desenvolvimento intelectual da criança e na aprendizagem da matemática. Castro relaciona-o com o rendimento escolar, afirmando o autoconceito sofre influências, por exemplo, durante a educação primária.

De acordo com Fiorentini e Miorim (1996), são diversas e notórias as dificuldades que alunos e professores encontram no processo ensino-aprendizagem da matemática. De um lado, está o aluno, que não consegue entender a matemática ensinada na escola. Por várias vezes, ele é reprovado nesta matéria, ou mesmo que seja aprovado, sente dificuldades em usar o conhecimento obtido. De outro lado, há o professor, ciente de que não consegue obter resultados satisfatórios com seus alunos e com dificuldades de, por si só, refletir de modo satisfatório seu fazer pedagógico, busca novos elementos que, em muitas vezes, são apenas simples receitas de como ensinar certos conteúdos, acreditando que consigam melhorar esse quadro.

É nesse sentido que surgiu o tema para este trabalho, que não tem a pretensão de adequação de métodos, mas sim contribuir para a reflexão sobre a importância da autoestima no desenvolvimento sócio afetivo e cognitivo na minimização das dificuldades de aprendizagem da Matemática de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

O ser humano é provido de desejos, vontades e sentimentos próprios que se iniciam já com o seu nascimento. No decorrer da infância, acontece o processo de desenvolvimento sócio afetivo da criança, no qual são de grande importância as interações que oferecem aprendizado afetivo. Nesse desenvolvimento, tanto a família quanto os professores desempenham uma importante função, visto que são eles, por serem mais experientes, que organizam o processo de aprendizagem.

Diante do exposto, o presente trabalho examina a importância dos aspectos sócio afetivos para o desenvolvimento da criança e para o processo de ensino-aprendizagem, enfocando a importância da autoestima como recurso motivacional para a aprendizagem e para a relação professor-aluno, especialmente com relação ao domínio da Matemática.

1. ENTENDENDO A AUTOESTIMA

Nos dias de hoje, cada vez mais são exigidos indivíduos e profissionais preparados para lidar com os desafios da vida. Na era da globalização, as mudanças são cada vez mais aceleradas e as descobertas no campo da tecnologia e da ciência acontecem continuamente, gerando um nível de competição maior.

As consequências disso afetam diretamente as áreas da educação e formação, visto que a sociedade passou a exigir pessoas mais preparadas e qualificadas para o trabalho; fato que as gerações anteriores não enfrentaram com tanta intensidade.

Baseando-se nas reflexões de Branden (2001), ao fazer uma retrospectiva histórica observa-se que, no princípio, o ser humano vivia como nômade e para sobreviver dependia da caça e da pesca em determinado local, no qual permanecia enquanto existissem alimentos disponíveis. A preocupação essencial era obter o alimento para sua sobrevivência, não se preocupando com o futuro.

De acordo com Branden, há algum tempo, o trabalho representava uma atividade física e não mental. Da mesma forma que a educação e a inteligência eram consideradas como um luxo fora da dura realidade da vida e das necessidades de sobrevivência.

Ainda conforme o autor acima, a noção sobre auto realização, auto expressão e autodesenvolvimento faz sentido somente na atual cultura ocidental, entretanto, para o ser humano do período pré-industrial, são praticamente incompreensíveis. Naquela época, não existia espaço para o indivíduo autônomo, não se exigia dele características referentes à capacidade de comunicação, criatividade, espírito empresarial e competência interpessoal, visto que, tais características não significavam uma vantagem econômica, com exceção para os poucos interessados, mas sim, um perigo de vida.

No período pré-industrial não existiam muitas alternativas de trabalho. As próprias condições já obrigavam os homens a se tornarem camponeses, cavaleiros ou artesãos; já as mulheres, somente esposas de algum deles. Eles acreditavam que o destino de suas vidas tinha uma “ordem natural” e que Deus o conduzia (MOYSÉS, 2007).

Conforme Moysés (2007), tratava-se de um mundo no qual características como individualidade, responsabilidade e autoconfiança não tinham valor. A inteligência, a criatividade e a inovação não tinham importância, pois, não eram ferramentas para a busca da sobrevivência. Portanto, não se desenvolvia nem se valorizava a autoestima, tendo a obediência e a resignação como características sempre presentes na vida dos indivíduos.

Segundo Branden (2001), a noção do ser humano como autônomo e capaz de enfrentar as consequências de sua própria existência nasceu com eventos históricos como: o Renascimento, no século XV; a Reforma, no século XVI; o Iluminismo, no século XVIII e suas duas consequências: a Revolução Industrial e o Capitalismo.

De acordo com Moysés (2007), o advento da Revolução Industrial agregou as máquinas ao processo de produção, revelando a expressão da inteligência do ser humano com o intuito de aprimorar as condições da existência material. Assim, o trabalho passa por uma profunda mudança. Aos poucos, o capitalismo se institui como um sistema dominante, que tem como principal característica a transformação dos bens, serviços e força de trabalho em mercadoria. O propósito é o lucro dos proprietários dos meios de produção. Dessa forma, o trabalho passa a ser realizado conforme os salários e os modos de produção e distribuição da iniciativa privada.

A partir daí passa a ser registrada a relação entre produção, lucros, venda da força de trabalho e instrumentos de produção - equipamentos e máquinas. Por meio do fortalecimento do capitalismo há um investimento na inovação e na criação de novos equipamentos e máquinas que asseguram a reprodução do capital. Estabelece-se a discussão a respeito da criação e inovação e, em consequência, o debate acerca da autoestima de modo muito principiante passa a constar na economia (MOYSÉS, 2007).

Nesse período, a questão que passou a conduzir a vida das pessoas foi: “o que você fez de si mesmo?”, significando uma mudança de cultura na sociedade que, em épocas passadas, julgava que o nascimento definia o futuro do indivíduo.

Assim sendo, a identidade dos indivíduos deixa de ser uma questão de destino e herança para ser algo em que cada um possui a responsabilidade em relação a si mesmo, fazendo que a mente seja a ferramenta principal de sobrevivência e a autoestima tenha um papel primordial no processo de desenvolvimento da pessoa.

Atualmente, o conceito de autoestima reúne outras características:

autoestima é a capacidade que uma pessoa tem de confiar em si própria, é a sensação de competência para lidar com os desafios básicos da vida e de ser merecidamente feliz. É acreditar na capacidade própria de pensar, aprender, tomar decisões adequadas e reagir de maneira positiva às novas condições. Em outras palavras, significa o indivíduo confiar no seu direito ao sucesso e à realização pessoal – a convicção de que tem condições para ser feliz. (MOYSÉS, 2007, p. 18)

Voli (2002, p. 53) acrescenta que a “autoestima é o compromisso do indivíduo em assumir a responsabilidade por si mesmo e por suas relações intra e interpessoais”.

Já Branden (2003, p. 15) alega que autoconceito é o modo como a pessoa se percebe, é quem e o que consciente e inconscientemente ela acredita que é - suas características físicas e psicológicas, seus pontos positivos e negativos. Nesse sentido, a autoestima é definida como o modo como pessoa percebe o seu próprio valor. É o elemento avaliador do autoconceito.

Assim sendo, de acordo com as percepções dos autores mencionados, entende-se que a autoestima é o conceito que o sujeito possui da sua importância pessoal como ser humano, é um sentimento bastante íntimo que representa o significado que o indivíduo dá a si mesmo.

3 A AUTOESTIMA E A EDUCAÇÃO

Há gerações a prática educativa escolar e familiar é baseada em atitudes emocionais negativas como a permissividade e o autoritarismo. Segundo Voli (2002), a sociedade brasileira atual é proveniente de uma educação passiva moldada por pedagogias liberais, tendo como mais influentes as tendências Tradicional e Renovada.

Consoante Moysés (2007), a Pedagogia Tradicional surgiu no século XVI, mas tem sobrevivido ao tempo, mantendo influências até hoje, mesmo com a chegada de tendências mais modernas baseadas em pesquisas e estudos da Sociologia, Psicologia e da Educação. É caracterizada por entender a educação como um sistema no qual o professor controla o aluno, que não tinha direito de expressar o que sentia, qualquer manifestação oposta era motivo para o aluno receber punição. Essas punições vinham desde beliscões, reguadas na cabeça, joelhos em cima de milho, até palmatórias; e o pior é que os alunos não podiam reclamar para os pais, porque eles viam o professor como uma pessoa muito importante, e davam poder absoluto na educação dos filhos. Quando chegava ao seu conhecimento que o professor havia castigado o filho, o pai ou a mãe batia no filho, alegando que ele estava desrespeitando o professor.

Partindo desse pressuposto, é preciso reconhecer que, na Pedagogia Tradicional, o ensino se dava em um regime autoritário, no qual o desenvolvimento intelectual do aluno ficava retido, pois, só o professor era o dono do saber. A educação mantinha um ensino robotizado, no qual o professor parecia estar com um controle remoto, controlando sempre o aluno para que não saísse de sua direção. Os conteúdos eram seguidos de acordo com a programação sem importar se foram interiorizados pelos alunos ou não, o importante era decorar e passar.

Já a Pedagogia Renovada despontou no final do século XIX, em oposição à Pedagogia Tradicional, visto que esta já não estava mais atendendo aos interesses da sociedade da época. Tratava-se de um momento de profundas mudanças políticas, econômicas e culturais. A sociedade estava mudando rapidamente, porém a escola não acompanhava esse ritmo (MOYSÉS, 2007).

Segundo Moysés (2007), a Pedagogia Renovada tinha como característica determinar o aluno ativo como centro do processo de ensino-aprendizagem e não o professor ou o conhecimento, como ocorria na Pedagogia Tradicional.

A Educação da Pedagogia Renovada tinha como objetivo reformar os métodos de ensino com a atenção voltada para o aluno, de modo que a sua aprendizagem não abrangesse o espaço em que viviam, mas que o aluno tivesse um conhecimento de mundo. Dentro desses princípios, a visão é trabalhar a experiência cotidiana do aluno, dando-lhe liberdade para aprender dentro de um processo em que defrontasse espontaneamente com o mundo partindo de sua vivência, conseguindo produzir e entender a realidade da vida. Assim, a função do professor é orientar, incentivar, organizar as situações de aprendizagem mais adequadas às características individuais dos alunos, com o objetivo de desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais (BRANDEN, 2003).

Diante disso, fica comprovado que a educação não é imune às mudanças e processos sociais. A escola influencia e é influenciada por inúmeras práticas sociais e mediante a contribuição dos diversos sujeitos e grupos sociais. Ainda que em importância e medidas diferentes, os indivíduos da sociedade atual foram crianças que cresceram em um ambiente, ora repressivo e autoritário, ora bastante permissivo, levando-os a se tornarem carentes de segurança e de autoconceito.

Segundo Oliveira (2009), vários autores descrevem a autoimagem como a chave do comportamento humano e da personalidade. Para Moysés (2007), ela é um elemento descritivo que acompanha um outro avaliativo chamado de autoestima. Estes dois elementos juntos formam o que se chama de autoconceito.

De acordo com Winnicott (1997), o autoconceito representa a identidade do indivíduo, que é uma conquista do amadurecimento emocional, mas que se faz presente em cada estágio do amadurecimento, dando qualidade à interação entre a pessoa e o ambiente até que se transforme numa identidade unitária, provida de uma realidade interna psíquica determinada, de conflitos instintuais e de um sentido pessoal.

Ao analisar a autoestima dos alunos, Voli (2002) afirma:

A maior parte das crianças que chegam à escola, provenientes desse tipo de meio familiar, sob o ponto de vista de sua formação pessoal apresentam baixa autoestima. Na escola, por sua própria estrutura, e não havendo uma ação pessoal dos professores para modificar a situação de condicionamento iniciada na família, as dificuldades psíquicas das crianças tenderão a reforçar-se ao invés de se realizar (p.24).

Conforme Voli (2002), com base nos pressupostos das Pedagogias Tradicional e Renovada, as relações interpessoais determinadas na família e na escola levam a situações que prejudicam a autoestima. Algumas delas se fazem mais presentes no dia-a-dia da escola:

- a falta de atenção e de afeto dos pais e professores;
- ações e sentimentos como a vergonha e a culpa gerada pelos já conhecidos castigos;
- a tendência em oferecer tudo pronto, desconsiderando a capacidade de agir e refletir da criança;
- valorizar o erro como algo que foi mal feito.

Todas essas situações prejudicam a constituição de uma autoestima saudável e, portanto, levam à formação de indivíduos com atitudes e aptidões restritivas e insuficientes, carentes de criatividade, espontaneidade, originalidade e imaginação.

É sabido que a literatura mostra a importância da relação professor-aluno na formação da personalidade e do caráter da criança e, conseqüentemente, do adulto. Na visão de Voli (2002, p. 10), “o professor, normalmente, projeta em seus alunos sua personalidade (...). A personalidade do professor projeta-se na criança e intervém em sua formação para a vida”.

Entretanto, pais e professores também foram educados pelos princípios dessas pedagogias, que na opinião de Voli são consideradas nocivas ou perniciosas. Dessa forma, há um cenário de conformismo, ressaltado de geração a geração, visto que a sociedade continuou incapaz de quebrar paradigmas educacionais que impedem o indivíduo de conhecer e explorar de modo mais efetivo suas capacidades afetivas e emocionais.

Atualmente, em várias localidades do Brasil, tem-se realizado algumas experiências baseadas na autoestima e no autoconceito de alunos em idade escolar. Os resultados

fortalecem as constatações de pesquisas internacionais que evidenciam a existência da forte relação entre desempenho acadêmico e autoestima.

O desempenho escolar e a autoestima são fatores interdependentes e indissociáveis, que exercem uma influência mútua. Caso a criança chegue à escola trazendo uma autoconfiança positiva, ela enxergará essa nova situação como um desafio. Porém, caso ela chegue com níveis baixos de autoestima, tendo dúvidas a respeito de suas próprias competências, a escola representará um espaço de sofrimento, elevando suas chances de ter dificuldades de aprendizagem (CASTRO, 2019).

Analisando-se o processo educacional de algumas décadas passadas e ainda, infelizmente, dos dias de hoje, é possível compreender a razão de existirem estatísticas tão angustiantes dos níveis de repetência, evasão e resultados de avaliações de aprendizagens no país. Tanto na rede privada de ensino quanto na rede pública pode-se observar a discordância existente entre a realidade dos alunos e o modo como a escola os recebe, indicando situações de violência simbólica. A realidade e a cultura dos alunos são ignoradas, existem relações autoritárias e práticas pedagógicas fragmentadas.

Em decorrência dessas práticas limitadoras da espontaneidade, criatividade e motivação do indivíduo, surgem consequências traumáticas; que continuam se manifestando posteriormente nos adultos, que enfrentarão o mercado de trabalho, o qual vem se modificando ao longo do tempo muito rapidamente, auxiliando a formação de um ambiente elevadamente competitivo no qual vigora a lei “que vença o melhor”. Existe uma preocupação constante em procurar mais conhecimentos ou desenvolver novas habilidades para que o indivíduo se sinta capaz de acompanhar esse ritmo de mudanças e não seja excluído (CASTRO, 2019).

Porém, quando procuram os processos de capacitação, os adultos se deparam com uma carga deficiente de autoestima, em virtude do seu histórico educacional. Além disso, ainda se faz uso da capacitação como uma mera ferramenta de transmissão de informações, sem contextualizar o estado emocional do indivíduo, suas aspirações e percepções a respeito de si mesmo. Possivelmente, isso poderá influenciar de modo negativo os resultados do investimento, pois, uma prática pedagógica que ignora a realidade, a produção do saber e os interesses dos alunos não causam alteração no comportamento (SINTRA, 2019).

No final deste capítulo, é ressaltado que a discussão a respeito da autoestima é um desafio a ser enfrentado por todos. Para tanto, um longo caminho precisa ser percorrido.

Trata-se de algo que deve ser assumido coletivamente por pais, educadores e estudantes que almejam uma educação voltada às necessidades sociais da população.

2 A MATEMÁTICA E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Segundo o *National Joint Committee on Learning Disabilities –NJCLD2* (apud SACRAMENTO, 2008), Dificuldade de aprendizagem é uma expressão genérica que se refere a um conjunto de desordens apresentadas por problemas expressivos na aquisição e utilização das capacidades de escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou matemáticas.

Raramente, as DA têm uma causa única. Supõe-se que possuem base biológica (Lesão cerebral, hereditariedade, desequilíbrios químicos, alterações no desenvolvimento cerebral). Porém, é o ambiente família, escola, comunidade, que define a gravidade do abalo da dificuldade (SMITH & STRICK, 2001).

Diversos autores, como Alicia Fernández, Sara Paín, Maria Lucia Weiss, apontam para o fato de que a maioria das crianças com fracasso escolar que são orientadas a consultórios e clínicas, situam-se na esfera do problema de aprendizagem reativo, gerado e incentivado pelo próprio ambiente escolar.

Para Smith e Strick (2001), as DA de Matemática que são mencionadas em todos os níveis de ensino não são novas. Já faz muito tempo que a Matemática ocupa o lugar de disciplina mais difícil e detestada, o que faz com que seja difícil sua assimilação pelos alunos. Assim sendo, antes de discutir sobre DA em Matemática é preciso averiguar se o problema não está no currículo ou na metodologia usada.

Diversos estudos na área buscam mostrar soluções para tentar reverter os problemas referentes à disciplina de Matemática. Sabe-se que os problemas existem, mas, não é fácil mudar essa situação. Dentre as diversas disciplinas escolares, a Matemática é a que mais traz terror aos alunos, gerando reprovações e atrapalhando o seu rendimento.

Trata-se de uma disciplina muito importante, visto que além dos seus conhecimentos práticos e instrumentais, a ela são associados aspectos do progresso intelectual, estimados na escola, como raciocínio, lógica, objetividade. A Matemática também tem exercido um papel social de instrumento de seleção, que é usada para decidir os melhores classificados em concursos e vestibulares (SACRAMENTO, 2008).

Diversas pesquisas e a própria experiência em sala de aula, apontam que grande parte dos educandos possui algum tipo de dificuldade na aprendizagem da Matemática,

causando, por consequência, ansiedade, frustração e resistência na aquisição de saberes dessa disciplina.

De acordo com Araújo (2019), por um longo período, o ensino da Matemática baseou-se em atividades apoiadas na repetição, memorização de fórmulas e tabuadas. O aluno só precisava receber a informação e colocar no papel, depois memorizá-la e repeti-la quando fosse necessário. Assim sendo, o educando passou a treinar para que pudesse conseguir sucesso nas avaliações.

Por meio de pesquisas, a Educação Matemática tem buscado responder às questões que surgem no tocante ao ensino-aprendizagem desta disciplina, tendo por objetivo a compreensão do seu uso, para que seja possível desfrutar das vantagens que ela nos oferece.

Em pesquisa realizada por Araújo (2019), foi verificado que são diversos os fatores que podem influenciar a aprendizagem dos educandos. A Matemática é considerada como excessivamente difícil e existe um histórico de aversão a ela.

Na pesquisa, também se verificou que os problemas que causam o fracasso escolar estão ligados à **baixa autoestima dos educandos**, às dificuldades em assimilar os conteúdos matemáticos ensinados, ao modo de ensiná-los, à ausência de pré-requisitos essenciais, à realidade social, cultural e econômica e à faixa etária dos educandos.

Assim sendo, o fracasso escolar é um assunto bastante controverso que abrange muitos fatores. No geral, as variáveis podem ser classificadas em três grupos: família, escola e o próprio educando. Como por exemplo: dificuldades familiares, sociais e econômicas, mudanças de residência; classes numerosas, aulas que não fornecem atendimento especial para os educandos reprovados, muitos conteúdos e ausência de pré-requisitos de séries anteriores; desmotivação, indisciplina, perspectiva de reprovação, dificuldades em aprendizagem, desinteresse, carências afetivas, autoestima comprometida (ARAÚJO, 2019).

Para Araújo (2019), ao se deparar com a baixa autoestima nos alunos, é preciso buscar auxílio de profissionais, como psicopedagogos, psicólogos, além de promover palestras orientadas para solucionar esse problema.

De acordo com Sampaio (2019), o aluno deve ter um atendimento individualizado por parte do professor, que precisa evitar:

- Salientar as dificuldades do aluno, diferenciando-o dos demais;

- Demonstrar impaciência diante da dificuldade apresentada pelo aluno ou interrompê-lo várias vezes ou mesmo tentar adivinhar o que ele está querendo dizer completando sua fala;
- Corrigir o aluno frequentemente na frente da turma, para não o expor;
- Ignorar a criança em sua dificuldade.

A autora ainda dá algumas dicas para o professor:

- Não force o educando a fazer as lições quando estiver nervoso por não ter conseguido;
- Explique a ele suas dificuldades e diga que está ali para ajudá-lo sempre que precisar;
- Proponha jogos na sala;
- Não corrija as lições com canetas vermelhas ou lápis;
- Procure usar situações concretas, nos problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se concluir que a autoestima é um conjunto de fatores formadores da autoimagem, do conceito que se cria de si mesmo, da importância que é dada a si e de posição na relação com o meio. É o modo como um indivíduo percebe sua situação quando interage com alguém ou diante de um grupo. É mais que somente "gostar-se", é sentir que é capaz de realizar seus desejos e tarefas; é lutar por suas opiniões com a certeza de que é importante no contexto no qual está inserido, é incluir-se, dar a si mesmo voz e vez.

Além do mais, a autoestima é fundamental no desenvolvimento de um processo de aprendizagem sadio, vivo e efetivo, pois, leva a pessoa a acreditar em si, em sentir seu valor e sua capacidade de mudança.

É possível afirmar ainda que, atualmente, a autoestima é o fator diferencial na aquisição de novos conhecimentos. Tanto para alunos, quanto para professores. Os alunos criticados ou pouco elogiados por suas famílias tendem a se interessar menos pelos assuntos da escola, não somente nos temas da família. Na escola, são propensos a se identificar com os alunos que apresentam problemas de comportamento e de disciplina.

Estudam menos e pouco participam da aula. Para o educador, pais e orientadores, parece que ser um caso de desinteresse e de desleixo consigo mesmo.

O incentivo e o elogio não motivam nem fazem mágica; somente garantem condições de a pessoa se sentir capaz, sentir-se um ser nas mesmas condições e direitos que os outros; o elogio encoraja, empolga, inclui. Também é importante lembrar que as políticas educacionais falidas do Brasil destruíram a autoestima do educador.

Da mesma forma que alguém com a autoestima rebaixada não liga se é esquecido ou se é passado para trás, anda desleixado com roupas e asseio corporal, o educador com autoestima rebaixada também não se importa mais de entrar em salas de aula caindo aos pedaços... Tudo parece normal: salários baixos e atrasados, aumentos insignificantes e até ofensivos, politicagem na escola... Tudo fica aceitável para quem esquece de si mesmo: cair de nível social, notar a desconfiança do vendedor no momento de pedir crediário nas lojas...

É relevante que o educador tenha consciência de sua importância na vida de seus educandos e a influência que desempenha até mesmo nos aspectos relacionados à constituição do caráter e da personalidade do indivíduo. Para tanto, é preciso que o educador se sinta realizado e com uma autoestima elevada, para que possa colaborar e influenciar na formação dos educandos, não oferecendo obstáculos às diferenças que são particulares a cada indivíduo.

Conforme nos diz Cury (2003, p. 34), “ser educador é ser promotor de autoestima”. E mais, o “elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a autoestima”. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas.

Trata-se de um grande desafio identificar, diagnosticar e fazer as intervenções necessárias para que a aprendizagem do aluno ocorra de forma satisfatória, para sua vida acadêmica e para sua autoestima. É preciso estar atento para não rotular, condenando um aluno para o resto de sua vida.

O tema “dificuldades de aprendizagem” ainda é pouco explorado nas escolas. Um diagnóstico errado conduz a encaminhamento para tratamentos não necessários e à exclusão, tirando do aluno a oportunidade de superar suas dificuldades. É necessário trazer o tema para dentro da escola - não como assunto do momento, mas numa discussão permanente -, refletindo sobre as diversas dimensões da vida do aluno, como mais uma ferramenta para seu desenvolvimento integral, pois, as dificuldades de aprendizagem não têm apenas um fator como causa.

No caso da Matemática, levando em conta que o aprendizado das habilidades matemáticas está amplamente relacionada com diversas outras áreas do conhecimento, foi possível perceber, ao finalizar este trabalho, que os educadores precisam estimular, desde cedo, a memória, as habilidades motoras, linguísticas e de percepção auditiva e tátil, visto que assim, irá trabalhar todos os aspectos essenciais para que o aluno não apresente dificuldades com relação ao número. Além disso, é extremamente importante que os docentes se mantenham sempre estudando e pesquisando a respeito dos problemas, tanto cognitivos, como afetivos e sociais, enfrentados por seus alunos, com o intuito de ajudá-los da melhor forma na solução deles.

Como não se pode negar que os aspectos afetivos e cognitivos da personalidade não constituem universos opostos, não existe nada que justifique continuar com a ideia de que existem saberes basicamente ou prioritariamente ligados à racionalidade ou à sensibilidade. Assim sendo, a indissociação entre pensar e sentir força a integrar nas explicações a respeito do raciocínio humano as vertentes racional e emotiva dos conceitos e fatos construídos. Parte-se da premissa de que no trabalho educativo cotidiano não há uma aprendizagem simplesmente cognitiva ou racional, visto que os alunos não deixam os aspectos afetivos que constituem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, ou não deixam "ocultos" seus sentimentos, afetos e relações interpessoais como seres pensantes que são.

Depois disso posto, pode-se concluir que é possível envolver os alunos emocionalmente na aprendizagem da Matemática por meio de práticas mais apelativas e eficazes que, conseqüentemente, trarão mudanças às suas concepções sobre a Matemática.

Trabalhar sentimentos e pensamentos exige dos profissionais da educação ter disposição para se aventurar por novas áreas do conhecimento e da ciência para darem conta, pelo menos, de realizar as articulações que a temática requer. Eis uma nova e difícil empreitada, que requer coragem para enfrentar o desafio posto: buscar novas teorias e abrir mão de verdades há muito estabelecidas nas mentes. Desafio salutar para o avanço da educação. Além do que, recusar esse trabalho irá colaborar para a consolidação do "analfabetismo emocional" na sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, I. C. **A disciplina de Matemática e o fracasso escolar na 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS.** Disponível em: <http://www.sbem.com.br/files/ix_enem>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- BRANDEN, N. **Autoestima: como aprender a gostar de si mesmo.** 40ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- _____. **Autoestima no trabalho.** Rio de Janeiro: Campos, 2001.
- CASTRO, J. Variáveis emocionais e aprendizagem de matemática – 1+1 = Problemas matemático ou emocional? **Conferência de matemática.** Disponível em: <http://www.urbi.ubi.pt/060530/edicao/330ubi_mat.htm>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- CURY, A. J. **Treinando a emoção para ser feliz.** São Paulo: Academia de inteligência, 2003.
- FIORENTINI, D.; MIORIM, M. A. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no Ensino da Matemática. **Boletim da Sociedade Brasileira de Educação Matemática**, nº 7. São Paulo: SBEM –SP, 1996.
- MOYSES, L. **Autoestima se constrói passo a passo.** 5ª ed. Campinas: Parios, 2007.
- OLIVEIRA, I. B. de. **O futuro chegou: Reflexões sobre o cotidiano.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Reproarte Gráfica, 2009.
- SACRAMENTO, I. Dificuldades de Aprendizagem em Matemática – Discalculia. **I Simpósio Internacional do Ensino da Matemática** – Salvador-BA, 19 de setembro, 2008.
- SAMPAIO, S. **Distúrbios e Transtornos.** Disponível em: <<http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/disturbios.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- SINTRA, T. **A autoestima e a aprendizagem da Matemática.** Disponível em: <<http://cne.fct.unl.pt/mod/resource/view.php?id=4891>>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z.** Um guia completo para pais e educadores. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- VOLI, F. **A autoestima do professor.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.